



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

A participação de Portugal no Teatro de Operações Kosovo – o caso do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado

Autor: Aspirante de Infantaria José Eduardo Correia Sequeira dos Santos

Orientador: Professor Doutor António José Telo

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, junho de 2016



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

A participação de Portugal no Teatro de Operações Kosovo – o caso do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado

Autor: Aspirante de Infantaria José Eduardo Correia Sequeira dos Santos

Orientador: Professor Doutor António José Telo

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, junho de 2016

DEDICATÓRIA

À minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar é minha intenção agradecer ao Professor Doutor António José Telo, na qualidade de orientador, pela sua atenção, disponibilidade e recetividade, estando sempre pronto a aconselhar-me, sensatamente, em todas as ocasiões.

Ao Tenente Coronel Oliveira, diretor do curso de infantaria ao qual muito honradamente pertenço, pela preocupação constante e exigência.

Ao Tenente Coronel Freire pela recetividade e pelos esclarecimentos que se revelaram de inestimável importância para a prossecução deste trabalho.

Aos Entrevistados, Coronel Banazol e Tenente Coronel Brito Teixeira pela disponibilidade e interesse que mostraram desde o primeiro contacto, dando um contributo essencial para este trabalho, com sacrifício de tempo pessoal. Agradeço ainda os conhecimentos que me transmitiram fora da própria Entrevista e pelo modo como me receberam.

Ao Sargento-ajudante Félix pela sua inestimável disponibilidade com imolação de tempo pessoal.

Ao meu pai, mãe e irmã pelo inabalável apoio, disponibilidade e incalculável contribuição para a elaboração deste trabalho.

A todos os que me ajudaram direta e indiretamente na realização deste trabalho.

Por fim, ao meu curso, pela boa disposição e espírito criado nas camaratas aquando da realização desta tarefa.

A todos que tornaram este trabalho possível, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O Teatro de Operações Kosovo localiza-se numa região caracterizada por séculos de confluência de rotas comerciais, culturas, etnias e religiões distintas e que, por essa e outras razões tem sido assolada por inúmeros conflitos. Numa fase pós Guerra Fria, as forças internacionais, dada a escalada da violência, intervieram neste cenário integrando também forças portuguesas, entre as quais e por diversas vezes, o 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado. Desde o início desta intervenção, desde os finais da década de noventa, até à atualidade, o teatro de operações referido experimentou diversas alterações de cariz social, político e étnico que se traduziram por vezes em conflitos e fenómenos violentos.

Dada a intervenção portuguesa num ambiente de conflitualidade volátil e em permanente mutação, inserida no âmbito das Missões de Apoio à Paz, o trabalho de investigação desenvolvido assume como objetivo descrever as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014). Pretende-se que estas alterações sejam compreendidas e interpretadas através da implementação de um modelo de análise baseado nos fatores de decisão militares¹, que sistematiza e organiza informação constante em documentos resultantes de cada um dos empenhamentos abordados, bem como no depoimento de militares presentes nesses mesmos contextos, no período abordado. No que a este último aspeto concerne, a aplicação do método indutivo usando como instrumento de opção metodológica o Estudo de Caso, permite a recolha de dados qualitativos resultantes das respostas obtidas nas entrevistas semiestruturadas, a militares presentes no Kosovo no período compreendido entre 2000 e 2014.

Após toda a investigação realizada, parecem ganhar evidência alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado no TO Kosovo, evidências essas materializadas nos fatores Missão, Ameaça, Tarefas, Viaturas, Efetivo e Orgânica, como consequência quer das reestruturações efetuadas da Kosovo Force (KFOR), quer das oscilações de conflitualidade inerentes ao próprio teatro, que, ao longo do lapso de tempo estudado, atravessou períodos de menor e maior estabilidade.

Palavras-Chave: Kosovo, 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, Apoio à Paz, Pós Guerra Fria.

¹ Anexo A

ABSTRACT

The theater of operations of Kosovo is located in a region characterized by centuries of confluence of trade routes, cultures, different ethnic groups and religions, and that for that and other reasons has been plagued by numerous conflicts. In a post-Cold War phase, the international forces, given the escalation of violence intervened in this scenario with the integration of Portuguese forces, including for several times the 1st Mechanized Infantry Battalion. Since the beginning of this intervention, in the late nineties to the present day, the theater of operations experienced several changes sustained on social, political and ethnic causes which resulted sometimes in conflict and violent occurrences.

Given the Portuguese intervention in this volatile conflict frame and the constantly changing associate to Peace Support operations, the present research work aims to describe the changes in the engagement of the 1st Mechanized Infantry Battalion, to face the typology Kosovo's post-Cold War period (2000-2014). It is intended that these changes are understood and interpreted with the implementation of an analysis model based on military factors of decision, which organizes and arranges the information identified in documents arising from each of the addressed commitments, as well as in the statements of military present on those contexts, in the period in question. As regards this latter aspect, the application of inductive through a Case Study, allows the gathering of qualitative data resulting from the responses obtained in semi-structured interviews to military deployed in Kosovo in the period between 2000 and 2014.

After all the research done, they showed changes in the employment of the 1st Mechanized Infantry Battalion in the theater of operations of Kosovo materialized in the following factors: Mission, Threats, Tasks, Vehicles and Organic as a result either of restructuring carried by Kosovo Force (KFOR) or oscillations intrinsic to the theater conflict through periods of lower or higher stability.

Key-Words: Kosovo, 1st Mechanized Infantry Battalion, Peace Support Operations, Post Cold War.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	viii
ÍNDICE DE TABELAS	ix
ÍNDICE DE APÊNDICES	x
ÍNDICE DE ANEXOS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xii
INTRODUÇÃO	1
CAPITULO 1. A CONFLITUALIDADE DO PÓS GUERRA FRIA E O CONFLITO DO KOSOVO	5
1.1 Introdução	5
1.2 A conflitualidade do Pós- Guerra Fria	5
1.3 Kosovo – História recente do conflito	6
1.4 Enquadramento Doutrinário do Conflito	8
CAPÍTULO 2. O 1º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO	12
2.1 Introdução	12
2.2 Resenha Histórica	12
2.3 Enquadramento Doutrinário do 1º BIMec	14
CAPÍTULO 3. TEATRO DE OPERAÇÕES DO KOSOVO	15
3.1 Introdução	15

3.2 Enquadramento geográfico e demográfico	15
3.3 O Ambiente Operacional	15
3.4 A intervenção internacional no TO Kosovo	16
3.5 A Kosovo Force (KFOR).....	17
3.6 O Uso da Força	19
CAPITULO 4. METODOLOGIA CIENTÍFICA.....	21
4.1 Introdução	21
4.2 Natureza da Investigação	21
4.3 Estratégias de Investigação	22
4.4 Forma de abordagem	23
4.5 Desenho de Pesquisa.....	24
4.6 Técnicas de Recolha de Dados	25
4.7 Caraterização da amostra	27
4.8 Modelo de Análise	28
4.9 Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos	30
CAPÍTULO 5. IMPLEMENTAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE E ANÁLISE DOS DADOS	31
5.1 Introdução	31
5.2 Modelo de Análise	31
5.2.1 Missão	32
5.2.2 Ameaça.....	34
5.2.3 Tarefas	37
5.2.4 Viaturas	42
5.2.5 Efetivo e Orgânica.....	45
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	50
6.1 Introdução	50
6.2 Resposta às questões derivadas.....	51

6.3 Resposta à Questão Central	54
6.4 Dificuldades/Limitações	56
6.4 Recomendações	56
BIBLIOGRAFIA	58
APÊNDICES	I
APÊNDICE A – Guião de Entrevista.....	I
APÊNDICE B – Entrevista ao Comandante do Agrupamento DELTA (11AGO00 – 31MAR01).....	IV
APÊNDICE C – Entrevista ao Comandante do 1ºBIMec (06ABR14 – 04OUT14).....	VIII
ANEXOS	XIV
ANEXO A – Fatores de Decisão	XIV
ANEXO B – Espetro do Conflito	XVI
ANEXO C – Temas de Campanha	XVIII
ANEXO D – Apoio à Paz.....	XIX
ANEXO E – Níveis de Proteção - STANAG 4569	XX

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Orgânica do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado.....	14
Ilustração 2 - Modelo de Análise	29
Ilustração 3- Espectro do Conflito	XVI
Ilustração 4 - Temas de Campanha no Espectro do Conflito.....	XVIII

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Datas e Acontecimentos relevantes da história recente do Kosovo	8
Tabela 2 - Período de Empenhamento	32
Tabela 3 - Tarefas.....	38
Tabela 4 - Treino Orientado	40
Tabela 5 - Características das Viaturas Blindadas	43
Tabela 6 - Número de Viaturas Blindadas utilizadas por empenhamento	44
Tabela 7 - Efetivo e Orgânica Agrupamento DELTA (11AGO00 – 31MAR01)	46
Tabela 8 - Efetivo e Orgânica 1º BIMec (16MAR06-22SET06).....	46
Tabela 9 - Efetivo e Orgânica 1º BIMec (26SET09 – 23MAR10).....	47
Tabela 10 -Efetivo e Orgânica 1º BIMec (06ABR14 – 04OUT14).....	48
Tabela 11 – Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas	XX
Tabela 12 -Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas para granadas e minas	XXI

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice A	Guião de Entrevista
Apêndice B	Entrevista ao Comandante do Agrupamento DELTA (11AGO00 – 31MAR01)
Apêndice C	Entrevista ao Comandante do 1ºBIMec (06ABR14 – 04OUT14)

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A	Fatores de Decisão
Anexo B	Espectro do Conflito
Anexo C	Temas de Campanha
Anexo D	Apoio à Paz
Anexo E	Níveis de Proteção - STANAG 4569

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

Aop/AOO	Área de Operações / <i>Area of Operations</i>
AOR	<i>Area of Responsibility</i> (Área de Responsabilidade)
BI	Batalhão de Infantaria
BIMec	Batalhão de Infantaria Mecanizado
BiH	Bósnia Herzegovina
BIMoto	Batalhão de Infantaria Motorizado
BMI	Brigada Mista Independente
Cat	Companhia de Atiradores
CAtMec	Companhia de Atiradores Mecanizada
CI	Comunidade Internacional
CID	Comando de Instrução e Doutrina
CIMIC	<i>Civilian Military Cooperation</i> (Cooperação Civil Militar)
CNU	Carta das Nações Unidas
CRC	<i>Crowd Riot Control</i> (Controlo de Tumultos)
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
DOE	Destacamento de Operações Especiais
ECS	Esquadrão de Comando e Serviços
EM	Estado Maior
Erec	Esquadrão de Reconhecimento
EUA	Estados Unidos da América
EULEX	<i>European Union Rule of Law Mission in Kosovo</i> (Missão da União Europeia para o Estado de Direito no Kosovo)
FND	Forças Nacionais Destacadas
HN	<i>Host Nation</i> (Nação Anfitriã)
INFOOPS	<i>Information Operations</i>
ISAF	<i>International Security Assistance Force</i> (Força de Assistência de Segurança Internacional)
ISR	<i>Intelligence, Surveillance and Reconnaissance</i> (Informação, Vigilância e Reconhecimento)
KFOR	<i>Kosovo Force</i>
KTM	<i>Kosovo Tactical Maneouver Battalion</i> (Batalhão de Manobra Tática no Kosovo)

KVM	<i>Kosovo Verification Mission</i> (Missão de Verificação no Kosovo)
MNBG	<i>Multinational Battlegroup</i>
MNB W	<i>Multinational Brigade West</i> (Brigada Multinacional Oeste)
MNTF	<i>Multinational Task Force</i> (Força Tarefa Multinacional)
MTA	<i>Military Technical Agreement</i> (Acordo Técnico Militar)
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i> (Organização do Tratado do Atlântico Norte)
NRF	<i>NATO Response Force</i> (Força de Resposta da NATO)
NU	Nações Unidas
OI	Organização Internacional
ONG	Organização não-governamental
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
QG	Quartel-general
ROE	<i>Rules of Engagement</i> (Regras de Empenhamento)
SFOR	<i>Stabilization Force</i> (Força de Estabilização)
TACP	Destacamento de Controlo Aéreo – Tático
TACRES	<i>Tactical Reserve</i> (Reserva Tática)
TO	Teatro de Operações
UÇK	<i>Ushtria Çlirimtare e Kosovës</i> (Exército de Libertação do Kosovo)
UEB	Unidade Escalão Batalhão
UNMIK	<i>United Nations Interim Administration Mission in Kosovo</i> (Administração Interina para a Missão das Nações Unidas no Kosovo)
UNMISET	<i>United Nations Mission in Support in East Timor</i> (Missão das Nações Unidas em apoio a Timor Leste)
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
VCB	Vigilância do Campo de Batalha

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação aplicada é subordinado ao tema “A participação de Portugal no Teatro de Operações Kosovo – o caso do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado” e visa consecucionar o desenvolvimento do processo de investigação requerido no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Ciências Militares, de acordo com a especificidade do curso frequentado e da profissão posteriormente exercida.

Tendo em conta a participação do Exército português na Força Nacional Destacada (FND) no Teatro de Operações² do Kosovo e a sua integração na Kosovo Force (KFOR), surge o tema do trabalho de investigação, visando-se através deste, explanar várias questões que incidem essencialmente sobre a análise dos fatores missão, ameaça no Kosovo, tarefas levadas a cabo pelas forças destacadas e o seu treino orientado, bem como o seu efetivo e orgânica e viaturas blindadas utilizadas, no período compreendido entre os anos de 2000 e 2014. Assim, o presente trabalho de investigação tem como objeto a atuação do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado no Teatro de Operações Kosovo nesse mesmo período, com especial incidência na análise de missões nos anos 2000, 2006, 2009 e 2014.

São abordadas 4 missões efetuadas no período compreendido entre os anos de 2000 e 2014 por forma a analisar, segundo o modelo de análise apresentado, um conjunto de premissas em todas as missões referidas e assim poder observar as alterações e transformações ocorridas nas mesmas.

Importará referir que Portugal no período pós-Guerra Fria (no qual se contextualiza o presente trabalho) tem participado, maioritariamente e por opção, num tipo de operações designadas como Operações de Estabilização, especificamente em Missões de Apoio à Paz (Imposição e Manutenção de Paz)³.

² “O teatro de operações é a parte do teatro de guerra necessária à condução ou apoio das operações de combate” (Exército Português, 2012, pp. B - 23).

“O teatro de guerra é o espaço aéreo, terrestre ou marítimo que está ou pode vir a estar diretamente envolvido na conduta da guerra.” (Exército Português, 2012, pp. B - 23).

³ (CID, Planeamento Tático e Tomada de Decisão, 2007).

A incidência no período de tempo referido deve-se essencialmente às adaptações e evolução ocorridas quer na Força Nacional Destacada (FND) quer no próprio TO Kosovo onde esta é empregue, com a particularidade deste teatro retratar “ (...) um exemplo claro da utilização do instrumento militar na resolução de um conflito intraestatal, onde praticamente todos os ingredientes que enformam esta tipologia de conflitos estão presentes.” (Oliveira, 2011, p. 115)

É também este conjunto de razões, que nos faz eleger o presente objeto de estudo, no Teatro de Operações Kosovo.

Ao mesmo tempo, e uma vez que esta FND materializa um esforço significativo da atuação portuguesa no âmbito das Missões de Apoio à Paz destacando-se a diversidade de meios e forças empregues, pretende-se com este Estudo de Caso fazer uma reflexão cientificamente validada sobre as alterações ocorridas ao longo do período 2000-2014 na esperança de que esta reflexão, possa relevar ensinamentos úteis e importantes para, no futuro, se fazer face a novos desafios e intervenções do Exército Português, inseridas nesta tipologia de Operações de Estabilização.

Os eventuais ensinamentos daqui colhidos, poderão ver a sua importância acrescida, se tivermos em consideração, que a atual convulsão e constante mudança em termos de conflitualidade a que assistimos, colocam como razoável a ideia de alteração de contextos e da configuração dos possíveis Teatros de Operações nos quais Portugal poderá vir a intervir, sendo assim possível prever, o surgimento de novos reptos e desafios.

Tendo em consideração a temática abordada no presente trabalho de investigação surgiu a necessidade de elaborar uma pergunta de partida por meio da qual é possível desenvolver uma linha de raciocínio lógico que, espera-se, culmine na obtenção de respostas. Por sua vez, para facilitar e organizar esse processo crê-se como pertinente a decomposição desta mesma questão de partida em quatro perguntas derivadas, cujas respostas vão contribuir diretamente para este raciocínio.

Assim foram formuladas as seguintes questões:

Questão Central: *Quais as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014)?*

Questão Derivada 1: *Quais as principais alterações relativamente ao emprego de viaturas blindadas do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado entre 2000 e 2001 no Teatro de Operações Kosovo?*

Questão Derivada 2: *Quais as principais alterações relativamente à orgânica no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado entre 2000 e 2014, no Teatro de Operações Kosovo?*

Questão Derivada 3: *Quais as principais modificações no âmbito das tarefas levadas a cabo pelo 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado entre 2000 e 2014, no Teatro de Operações Kosovo?*

Questão Derivada 4: *Que transformações se evidenciaram ao nível de paradigma e da ameaça entre 2000 e 2014, no teatro Kosovo?*

Para cada questão anteriormente mencionada foi formulado um objetivo com o intuito de orientar todo o processo de investigação, sendo que o objetivo geral corresponde à pergunta de partida e os restantes objetivos específicos a cada pergunta derivada.

Objetivo Geral: Descrever as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014).

- **Objetivo Específico 1:** Caracterizar principais alterações relativamente ao emprego de viaturas blindadas do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado entre 2000 e 2014 no Teatro de Operações Kosovo.
- **Objetivo Específico 2:** Conhecer as principais alterações relativamente à orgânica no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, entre 2000 e 2014 no Teatro de Operações Kosovo.
- **Objetivo Específico 3:** Investigar quais as principais modificações no âmbito das tarefas levadas a cabo pelo 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado entre 2000 e 2014 no Teatro de Operações Kosovo.
- **Objetivo Específico 4:** Entender a mudança de paradigma e da ameaça entre 2000 e 2014 no Teatro de Operações Kosovo.

O trabalho de investigação realizado encontra-se materializado com base na Norma de Execução Permanente 520/4ª edição de 11 de Maio de 2015 e 522/1ª edição, bem como

segundo as orientações extipuladas pelas normas *American Psychological Association* (APA).

Numa primeira fase o estudo baseou-se em vários instrumentos de recolha de informação, sobretudo em análise documental e ainda algumas entrevistas exploratórias de carácter informal a militares que intervieram direta ou indiretamente no objeto da investigação em questão, por forma a delimitar as principais linhas orientadoras da mesma.

Numa segunda fase do trabalho, este assentou sobre uma análise de dados relativos às missões desempenhadas pelo 1º BIMec no TO Kosovo entre os anos de 2000 e 2014, segundo um modelo de análise baseado nos fatores de decisão militares.

Posteriormente foram efetuadas entrevistas a militares que estiveram presentes no Teatro de Operações Kosovo, no primeiro período de empenhamento de Portugal no Kosovo (entre 1999 e 2001) e no segundo período (2005 à atualidade), por forma a completar a análise de dados referida, que incidiu sobretudo nos Relatórios de Fim de Missão e nas Diretivas de Aprontamento, de forma a associar uma componente teórica com a experiência de militares que presenciaram o fenómeno na primeira pessoa.

CAPITULO 1. A CONFLITUALIDADE DO PÓS GUERRA FRIA E O CONFLITO DO KOSOVO

1.1 Introdução

O tema ao qual se subordina o presente trabalho de investigação, atualmente é bastante abordado em diversas investigações da mesma dimensão e ainda num vasto número de artigos e bibliografia, sendo por isso possível recolher bastante informação e conhecimento neste âmbito.

Com base no referido, a revisão de literatura terá necessariamente que adotar uma perspetiva seletiva, essencial para o desenvolvimento, perceção e encadeamento um trabalho que tem constrangimentos temporais, abordando apenas uma pequena porção de todos os conceitos e temas que seria possível desenvolver numa investigação deste âmbito.

O estudo exploratório bem como a sustentação teórica da investigação foram baseados não exclusivamente mas em grande parte, em autores de referência na área sobre a qual incide o estudo bem como sobre publicações doutrinárias de Exército e relatórios e diretivas das missões em questão.

1.2 A conflitualidade do Pós- Guerra Fria

A queda do muro de Berlim a 9 de novembro de 1989 que separava a antiga República Federal Alemã da Republica Democrática Alemã, é considerada por muitos autores como o marco que põe termo à bipolaridade do poder sobre o mundo da qual se sobressaiu, aparentemente o bloco e a cultura ocidentais sobre as ideologias soviéticas.

No entanto, e apesar da aparente e difusa acalmia na conflitualidade inter-estatal, começou a evidenciar-se outro tipo de conflitos de carácter interno e intraestatal como são o caso “ (...) de conflitos étnicos no Cáucaso e nos Balcãs, reivindicações autonomistas do País Basco à Córsega, da Escócia ao País de Gales, (...) não esquecendo a implosão de três entidades federais – a Jugoslávia, a URSS e a Checoslováquia. (Oliveira, 2011, p. 33)”

Assim e nos anos que precedem e antecedem a passagem do século assiste-se a uma mudança de paradigma na conflitualidade materializada pelo desuso de meios convencionais e da guerra total⁴, o crescimento evidente de conflitos internos e movimentos independentistas bem como o fim dos territórios santuário e a confirmação da vulnerabilidade dos Estados e das instituições face à emergência de redes de associações criminosas que recorrem a meios coercivos de intimidação coletiva,⁵ sendo um exemplo disso os ataques terroristas ocorridos nos EUA na fatídica data de 11 de setembro de 2001.

Existem assim um sem número de conflitos intraestatais que “ (...) podem assumir diversas formas, destacando-se os conflitos interétnicos, os movimentos anticolonialistas e a guerra pelo poder, que normalmente assume a forma de guerra civil” (Oliveira, 2011, p. 42).

Os Estados Falhados⁶ são um exemplo desta tipologia de conflitos internos e que “ (...) pode resultar de o colapso de uma economia, da competição pelos recursos, numa rutura ideológica não controlada e na falência de infraestruturas sociais” (Oliveira, 2011, p. 45). Estas circunstâncias podem despoletar o surgimento de fações religiosas, clãs, senhores de guerra ou grupos extremistas que assumem o poder governativo da região em questão. Neste contexto, existem diversos exemplos de Estados Falhados por todo o globo como a Somália, a República Centro Africana e o Kosovo.

1.3 Kosovo – História recente do conflito

A região na qual se insere o Kosovo tem sido ao longo do tempo fustigada por conflitos de diversas causas de índole étnica, religiosa ou política.

A conflitualidade entre sérvios e albaneses na região tem vindo a acentuar-se desde a 2ª Guerra Mundial, passando pelas inúmeras reorganizações territoriais desde então até ao fim da Guerra fria. “A situação radicalizou-se com a chegada ao poder na Sérvia, de

⁴ “A guerra total, ou guerra generalizada, é um conflito armado entre dois ou mais estados em que a totalidade dos seus recursos é utilizada e em que a sobrevivência nacional está seriamente ameaçada.” (Exército Português, 2012, pp. 2 -2).

⁵ (Viana, 2002, p. 97).

⁶ “Estado que pode possuir apenas remanescentes de um governo prestes a colapsar, prestes a ser substituído, recentemente no poder ou um governo que exerce fraca governação (...) sendo incapaz de (...) proteger e governar a sua população. Num estado falhado pode inclusive nem existir um governo (...) e, conseqüentemente, será difícil aí conduzir esforços de estabilização (...). Nestas circunstâncias, as autoridades intervenientes têm a responsabilidade moral e legal de instalar uma autoridade transitória na HN.” (Exército Português, 2012, pp. B - 11,12).

Milosevic. Em 1989, Milosevic decidiu alterar a Constituição Sérvia, limitando a autonomia do Kosovo estabelecida durante o governo do Marechal Tito⁷ (...), passando o controlo das tarefas vitais a estar sob o controlo da Sérvia” (Oliveira, 2011, p. 115).

Após isto, o descontentamento dos kosovares albaneses veio a desencadear em 1992 a declaração unilateral da independência e com isso o estabelecimento de um Governo, Presidente e Parlamento paralelos (Oliveira, 2011, p. 116).

Importa referir que, um ano antes, em 25 de março de 1991, a Eslovénia e a Croácia declaram independência da Jugoslávia⁸, acontecimento esse que dita o início da sua desintegração.

Em 1996 é levantado o Exército de Libertação do Kosovo (UÇK) como uma das consequências da independência da Croácia, Eslovénia e Bósnia, com o objetivo de reivindicar a independência do Kosovo e a associação à Albânia. Desde então e até à intervenção internacional em 1999 o UÇK e as forças sérvias deram início a um conflito violento com graves consequências humanitárias para a região (Valle, 2001 citado em Oliveira, 2011).

A 24 de março de 1999, as forças da NATO dão início à intervenção no Kosovo sob o pretexto de um alegado massacre levado a cabo por sérvios a 45 albaneses em Raçak, por intermédio de bombardeamentos aéreos sobre o Kosovo e Sérvia. No entanto esta intervenção foi executada à revelia do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) tendo por isso levantando um conjunto de críticas e problemas de caráter moral e legal sobre a legitimidade da mesma (Branco, Carlos, 2010 citado em Oliveira, 2011).

A 10 de junho de 1999 é adotada a Resolução 1244⁹ estabelecendo assim um acordo de Paz e a intervenção militar no Kosovo por intermédio da KFOR debaixo da égide da Comunidade Internacional (CI) através da *United Nations Interim Administration Mission in Kosovo* (UNMIK) que garante um Governo Provisório.

⁷ Josip Broz Tito foi presidente da Jugoslávia entre 1953 até 1980.

⁸ Constituída em 1919 pelos então reinos da Sérvia, Croácia e Eslovénia, sofrendo sucessivas alterações no decorrer das duas Grandes Guerras até à sua degeneração aquando da independência de Montenegro.

⁹ “A Resolução 1244 foi na prática a recuperação do Conselho de Segurança para avaliar e legitimar o *status quo* decorrente da intervenção da Alianças Atlântica, através do mandato atribuído à KFOR, a força de paz liderada pela NATO, e à administração internacional provisória da província” (Branco, 2004, p. 51).

Desde a data da implementação da Resolução 1244 as forças internacionais procederam ao processo de estabilização e pacificação da região com avanços em recuos como são o caso dos tumultos de março de 2004. A 17 de fevereiro de 2008 é constituída a declaração unilateral de independência do Kosovo (Oliveira, 2011, pp. 134, 135) .

Esta declaração é, ainda nos dias de hoje, alvo de controvérsia não sendo reconhecida de forma unânime pela Comunidade Internacional (CI).

Por forma a compactar e organizar os acontecimentos acima descritos, segue-se a Tabela 1 que retrata as datas e acontecimentos mais importantes na história recente do Kosovo e dos territórios no qual esteve inserido.

Tabela 1- Datas e Acontecimentos relevantes da história recente do Kosovo

Datas	Acontecimentos
25 de Março de 1991	Eslovénia e Croácia declaram independência da Jugoslávia.
Setembro de 1991	Macedónia declara independência; Primeira Declaração de Independência do Kosovo, reconhecida unicamente pela Albânia.
3 de Março de 1992	Bósnia Herzegovina declara independência; início da Guerra neste país.
Março de 1999	Bombardamentos aéreos da NATO contra alvos sérvios.
Junho de 1999	É assinado o cessar-fogo entre a CI e o governo sérvio.
10 Junho 1999	É difundida a Resolução 1244 e criado um Governo provisório no Kosovo sobre a alçada das NU por intermédio da UNMIK.
17 de Fevereiro de 2008	Declaração Unilateral da Independência do Kosovo relativamente à Sérvia
Dezembro de 2008	São destacadas forças da EULEX em território kosovar

Fonte: Baseado em Astapchuk (2015) e *Commission of the European Communities* (2009)

1.4 Enquadramento Doutrinário do Conflito

Tendo em conta o contexto e o conflito abordado julgamos pertinente, nesta fase enquadrá-lo segundo a doutrina atualmente em vigor no Exército Português e na NATO através dos conceitos espelhados nas Publicações Doutrinárias do Exército.

Poder-se - ão enquadrar os incidentes ocorridos no Kosovo segundo duas fases: o antes e o depois da intervenção internacional na região. Consideramos adequado, tendo em conta a delimitação do trabalho de investigação e o período analisado (2000-2014), referir e enquadrar a fase pós intervenção internacional.

Apesar dos incidentes de maior intensidade ocorridos entre 2004 e 2005, em que “ (...) o conflito entre o povo tem um novo episódio que faz retroceder o processo de resolução do mesmo”, “ (...) a situação de segurança ia melhorando permitindo à NATO reduzir efetivos” culminando na declaração unilateral da independência em 2008 e posterior período de acalmia (Oliveira, 2011, pp. 132, 133).

Assim, segundo o espectro do conflito¹⁰, o conflito no Kosovo insere-se no âmbito da paz instável que “é caracterizada pela situação em que as partes empregam, ou ameaçam empregar, a violência para alcançar os objetivos e resulta, normalmente, da degeneração da paz estável (...)” ou nesta situação em particular “ (...) da diminuição da violência de um conflito generalizado” (Exército Português, 2012, pp. 2-1).

Segundo Oliveira (2011, p.134), “no Kosovo, embora nunca se tenham observado situações de combate direto entre a KFOR e outros atores, passaram a decorrer em simultâneo diversas atividades características quer das operações de manutenção da paz quer da consolidação da paz, para além da missão inicial de imposição de paz (...)”.

Poderemos assim concluir que apesar da complexidade do teatro de operações Kosovo, é possível distinguir atividades próprias de operações de imposição de paz, numa fase inicial da intervenção da CI e posteriormente de operações de manutenção e consolidação de paz, todas elas inseridas no âmbito das Missões de Apoio à Paz¹¹ segundo os temas de campanhas¹² estipulados na PDE 3 -00 Operações (2012).

De acordo com a doutrina portuguesa as operações são consideradas operações de manutenção de paz quando “são executadas com o consentimento das partes envolvidas num conflito e são planeadas para monitorizar e facilitar a implementação de (...) acordos políticos de longo prazo”, diferindo por isso das operações de consolidação de paz na medida em que estas “ (...) envolvem ações de estabilização, predominantemente económicas e diplomáticas, que fortalecem as instituições e o governo (...) e apoiam a

¹⁰ Anexo B.

¹¹ Anexo D.

¹² Anexo C.

reconstrução das estruturas económicas.” Finalmente, a mesma publicação define operações de imposição de paz como operações que “ (...) envolvem a aplicação da força militar, ou a sua ameaça, normalmente através de mandato internacional, para obrigar ao cumprimento de resoluções ou sanções impostas (...) ” (PDE 3 -00, 2012, pp.2-8)

Por último julga-se pertinente enquadrar o conflito de acordo com a Carta das Nações Unidas (CNU)¹³.

Poder-se-á considerar numa primeira fase desde a intervenção de forças internacionais até á declaração unilateral da independência em 2008 (inclui as missões de 2000 e 2009), que as mesmas, por intermédio da KFOR efetuam em grande parte, ações no âmbito da imposição de paz enquadradas no capítulo VII da CNU. No entanto e em paralelo, ao longo de todo o período de intervenção da CI até à atualidade foram conduzidas diversas operações, quer pela KFOR quer pela UNMIK, que englobavam tarefas como “o apoio ao regresso e reinstalação dos refugiados e deslocados, reconstrução e desminagem, assistência médica, segurança e ordem pública, segurança das minorias étnicas, proteção do património cultural (...) ”, características na manutenção e na consolidação de paz previstas também no capítulo VII da CNU (Oliveira, 2011, p. 132).

É possível enquadrar as ações desenvolvidas no TO tendo em consideração o espectro de operações¹⁴ que contempla três tipos: as operações ofensivas têm como finalidade, destruir o inimigo ou conquistar terreno pela aplicação dos meios de forma violenta em toda a sua profundidade sendo que a manobra em profundidade constitui uma ameaça a que o inimigo tem de fazer face; procura criar as condições para garantir a liberdade de movimento e manobra, quebrar a coesão do inimigo e derrotar as suas forças de forma a obter e manter a iniciativa; as operações defensivas procuram garantir o insucesso do ataque inimigo, derrotar as suas forças, ganhar tempo, economizar forças e criar condições favoráveis para conduzir operações ofensivas ou de estabilização; as operações de estabilização que englobam o conjunto de missões, tarefas e atividades militares, conduzidas fora do território nacional em coordenação com outros instrumentos

¹³ A Carta das Nações Unidas foi assinada em São Francisco, a 26 de Junho de 1945, após o encerramento da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional, entrando em vigor a 24 de Outubro daquele mesmo ano.

¹⁴ O conceito de operação caracteriza-se pela “ação militar necessária para o cumprimento de uma missão estratégica, tática, de serviços, de treino ou administrativa; o processo para atingir os objetivos para cada batalha ou campanha em combate, incluindo movimentos, reabastecimentos, manobras de ataque e defesa (Exército Português, 2012, pp. B-16)”.

nacionais do poder ou integrando forças combinadas no âmbito dos compromissos internacionais assumidos por Portugal e que visam essencialmente a manutenção ou restabelecimento de um ambiente seguro e estável, facilitar a reconciliação entre adversários locais e/ou regionais, apoiar o restabelecimento de instituições políticas, legais, sociais e económicas, facilitar a transição de responsabilidades para um governo local legítimo, apoiar a reconstrução de emergência de infraestruturas e prestar ajuda humanitária. (Exército Português, 2012)

Assim podemos classificar de forma clara, as operações levadas a cabo no Kosovo como Operações de Estabilização uma vez que se desenrolam fora do território nacional com o objetivo de assegurar um ambiente seguro e estável.

CAPÍTULO 2. O 1º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

2.1 Introdução

O capítulo que se segue, surge por via da necessidade de descrever e enquadrar organicamente a estrutura e meios da unidade 1º BIMec, sobre a qual incide a investigação desenvolvida, como complemento do primeiro capítulo. Abordamos também de uma forma sucinta, numa fase inicial o surgimento da unidade em destaque bem como as missões e empenhamentos que têm sido desenvolvidos ao longo da sua existência.

2.2 Resenha Histórica

A Fundação do Batalhão de Infantaria Mecanizado data de 15 de março de 1977 inserido na grande unidade 1ª Brigada Mista Independente (1BMI), cuja denominação se manteve inalterada até ao ano de 1994 aquando da mecanização da mesma passando então a designar-se Brigada Mecanizada Independente (Exército Português, 2010).

O Batalhão de Infantaria Mecanizado localizado no Campo Militar de Santa Margarida, iniciou a sua atividade em termos operacionais com a integração no Exercício ORION em 1977. Participou ainda até à atualidade em todos os exercícios das séries ARCO e ROSA BRAVA da BMI.

No decorrer da década de 80 e 90 e na sequência do aumento da atividade no âmbito da NATO, o 1BIMec destacou militares para intercâmbios com outros exércitos NATO como é o caso do Italiano, Inglês e Espanhol, tendo no histórico a participação nos exercícios *Display Determination*, *Dragon Hammer - 91* e *Roma 96* em Itália e Primeira Batalha/ Frontera em Espanha.

Como referido anteriormente, em 1994 a 1BMI passou a designar-se por Brigada Mecanizada Independente e conseqüentemente, devido a esta reorganização, o BIMec passa a denominar-se 1º BIMec.

Em 1997 e 1999 cumpre missões de manutenção de paz no TO Bósnia – Herzegovina (BiH).

Em 2000 cede uma Companhia de Atiradores (CAAtMec) ao Agrupamento Delta empenhada no TO Kosovo, sendo esta participação uma das visadas pela presente investigação.

No ano seguinte regressa ao TO BiH integrando o Agrupamento ECHO/SFOR II cumprindo missão como Reserva Operacional Terrestre¹⁵ do Comandante desta força.

Dois anos depois, em 2003, cumpre missão no teatro Timor-Leste com a designação de 1º BIMec/ UNMISSET.

Entre 2004 e 2005, com a integração do Grupo de Carros de Combate da BMI, apronta o Agrupamento Mecanizado no âmbito da NATO *Response Force 5* (NRF 5) e participa no Exercício *Cohesion 05* em Espanha.

No início de 2005 inicia aprontamento para nova participação, em 2006 no Kosovo integrando a *Tactical Reserve* (TACRES) da KFOR, participação esta também explorada neste trabalho.¹⁶

Neste mesmo ano a Brigada Mecanizada Independente passa a designar-se Brigada Mecanizada (Exército Português, 2010).

Ente 2008 e 2009, aprontou um Agrupamento Mecanizado no âmbito da NFR 12, tendo sob o seu Comando Operacional um Esquadrão do Grupo de Carros de Combate, participando no exercício *Noble Ligth 08* em Espanha. Imediatamente após este empenhamento inicia a preparação para a participação, uma vez mais no Kosovo na KFOR a partir de Setembro de 2009, sendo esta abordada também no decorrer do trabalho.

A partir de Abril de 2010, destacou militares no âmbito da *International Security Assistance Force* (ISAF), no Afeganistão.

Até 2014 teve inúmeras atividades operacionais entre as quais se destacam a participação no teatro Timor Leste liderando o Projeto de Cooperação Técnico – Militar nº 5 garantindo apoio técnico à Componente Terrestre das Forças de Defesa de Timor Leste, em 2011, o comando do Agrupamento Mecanizado da Brigada Mecanizada em 2013 durante o ciclo de treino operacional dedicado à Operações Ofensivas e finalmente, o

¹⁵ “Reserva Operacional Terrestre – Força diretamente dependente do comandante da SFOR e pronta a ser empregue em qualquer ponto do TO, tanto por meios aéreos, como recorrendo aos meios terrestres orgânicos.” (Cavaleiro, 2005, p. 40) Equivalente à TACRES no TO Kosovo.

¹⁶ (1BIMec, 2012, p. 23).

aprontamento de uma Unidade Escalão Batalhão (UEB) a ser projetada em 2014 no TO Kosovo integrando a KFOR uma vez mais. Explanada no decorrer da investigação.¹⁷

2.3 Enquadramento Doutrinário do 1º BIMec

No decorrer do presente capítulo, assemelha-se-nos pertinente referir o enquadramento orgânico e a estrutura do Exército Português à qual o 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado se encontra na dependência direta.

O 1º BIMec¹⁸ é uma UEB inserida na Brigada Mecanizada na dependência direta do Comando das Forças Terrestres. A Brigada Mecanizada é constituída organicamente por unidades de escalão companhia e escalão batalhão, entre as quais o 1º e 2º Batalhões de Infantaria Mecanizados e o Grupo de Carros de Combate que materializam as unidades de manobra da Brigada (Exército Português, 2010).

Neste contexto o 1º BIMec é constituído pelo seu Comando e Estado-Maior, uma Companhia de Comando e Serviços, três Companhias de Atiradores e uma Companhia de Apoio de Combate, cujo organigrama segue na ilustração 1.

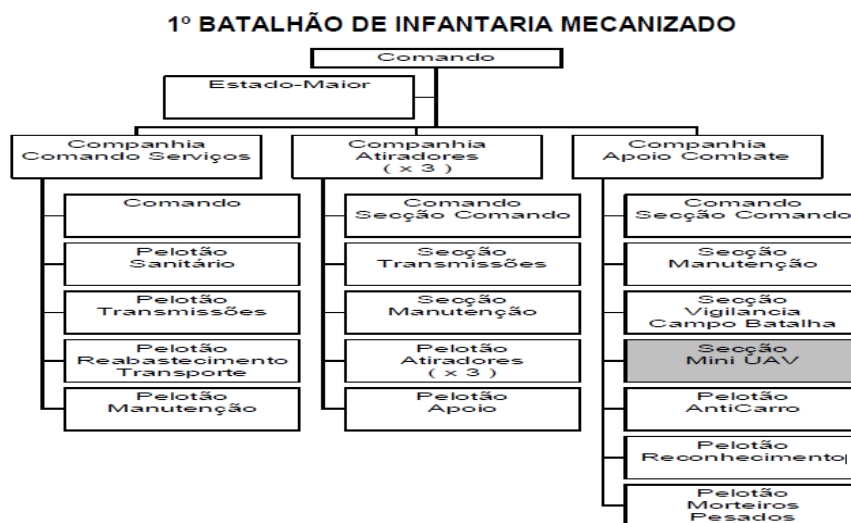


Ilustração 1- Orgânica do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado

Fonte – Estado Maior do Exército (2009).

¹⁷ (1BIMec, 2012, pp. 23, 24).

¹⁸ O 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado tem como missão “ preparar-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza” (Estado Maior do Exército, 2009, p. 2).

CAPÍTULO 3. TEATRO DE OPERAÇÕES DO KOSOVO

3.1 Introdução

O presente capítulo tem como finalidade explorar alguns conceitos referidos ao longo do primeiro capítulo, descrever o ambiente operacional e a sua evolução no TO Kosovo ao longo do período, e aprofundar a intervenção internacional ao nível do seu conceito de emprego de forças, tarefas realizadas e missões tendo em conta a evolução do contexto político – social.

3.2 Enquadramento geográfico e demográfico

O Kosovo fica localizado na região da península balcânica, entre o mar Egeu e o mar Adriático posicionando-se por isso num território atravessado por vias de comunicação que ligam o Ocidente ao Oriente. O choque entre etnias, línguas e religiões é manifesto por se encontrar numa localização de confluência de povos originários quer do continente europeu, quer do continente asiático, registando-se por isso uma heterogeneidade de culturas. Faz fronteira a norte e a leste com a Sérvia, a sul com a Albânia e Macedónia e a oeste com Montenegro (Correia, 2004 citado por Oliveira, 2011, p.121).

Possui um território, com superfície de 10 908 Km² e uma população de cerca 1.800.000 de habitantes (Group, 2015).

3.3 O Ambiente Operacional

O Ambiente Operacional ¹⁹ no Kosovo, como referido anteriormente é extremamente complexo e volátil dado a convergência cultural e étnica da região. Parece pertinente por isso, neste subcapítulo abordar uma das componentes do ambiente operacional associada à cultura e população locais, mais precisamente as etnias e religiões que mais se evidenciam neste TO.

¹⁹ “O atual ambiente operacional é caracterizado por um conjunto de condições, circunstâncias e fatores influenciadores que afetam o emprego de forças militares e influenciam as decisões do comandante (...) inclui também o entendimento do ambiente físico, da governação, da tecnologia, dos recursos locais e da cultura da população local” (Exército Português, 2012, pp. 1-1).

A maior parte dos cerca de 1,8 milhões de habitantes do Kosovo é muçulmana (93,8%) sendo que estes incluem, na sua grande maioria albaneses, eslavos muçulmanos (atualmente definidos como goras e bósnios), ciganos e turcos. A ortodoxia no Kosovo está associada à etnia sérvia tendo por isso pouca representação (4,5%). A maior parte dos sérvios considera que pertence à comunidade ortodoxa sérvia no sentido cultural, histórico e religioso. Por isso, para eles, o Kosovo e os seus mosteiros ortodoxos permanecem como os símbolos fundamentais da sua identidade étnica (European Commission, 2015, p. 7).

Cerca de 65 mil albaneses kosovares são católicos e constituem cerca de 1,5% da população do Kosovo. Além disso, há ciganos católicos e pequenas comunidades de católicos croatas. Para além disso existem ainda outras religiões e ceitas com menor expressão em termos de população (Pew Research Center, 2010).

Em termos de população, e após “ (...) os conflitos e tensões ocorridas depois da II Guerra Mundial, os kosovares albaneses tornaram-se a etnia predominante, quase hegemónica (...) ”, sendo estimado que representa cerca de 90% da população total, 5% representa a população sérvia e os restantes 5% outras etnias presentes, como kosovares croatas, bósnios ou turcos (Oliveira, 2011, p. 121) .

Importa referir ainda que os principais motivos que têm levado ao agravamento do conflito até à intervenção da comunidade internacional prendem-se essencialmente com motivos políticos e étnicos. De referir ainda que historicamente, a região dos Balcãs esteve sempre associada à passagem de contrabando, mais concretamente na região do Kosovo onde as atividades relacionadas com o crime organizado como tráfico de armas, drogas e lavagens de dinheiro, se evidenciam apesar de segundo o Relatório 2015 relativo ao Kosovo a eficiência no combate ao crime organizado ter sofrido um crescimento no período referido (European Commission, 2015, p. 11).

3.4 A intervenção internacional no TO Kosovo

Após a escalada da violência no Kosovo entre o UÇK e as tropas sérvias, ocorrida na década de noventa, a NATO interveio com forças, numa primeira fase por via aérea o que levou ao estabelecimento de um acordo de cessar-fogo entre os intervenientes no final de 1998 e numa segunda fase, com mil e quinhentos verificadores inseridos na *Kosovo Verification Mission* (KVM), tendo Portugal participado nesta missão com dois militares colocados no Centro de Coordenação da Verificação. Esta primeira intervenção verificou-

se pouco eficaz cessando no início de 1999. Em junho do mesmo ano e depois de assinada a Resolução 1244, foi autorizada a intervenção da KFOR e o estabelecimento da UNMIK sob égide da ONU (Cavaleiro, 2005, p. 47).

3.5 A Kosovo Force (KFOR)

A 9 de junho de 1999 foi assinado o *Military Technical Agreement* (MTA)²⁰ entre a *International Security Force* materializada pela KFOR e os Governos jugoslavo e sérvio. Em agosto de 1999, Portugal integrado na KFOR inicia a sua participação no TO Kosovo com uma unidade de escalão batalhão, o Agrupamento BRAVO, um Destacamento de Operações Especiais (DOE) e um Destacamento de Controlo Aéreo – Tático (TACP) inseridos na *Multinational Brigade West* (MNB W), cujo comando era italiano, ocupando o setor na região de *Klina* com um efetivo de cerca de 300 militares (Cavaleiro, 2005, p. 49).

Seguiram-se duas unidades igualmente de escalão batalhão, que estiveram empenhadas neste teatro por períodos de seis meses respetivamente, o Agrupamento CHARLIE com um efetivo de 300 militares (de fevereiro de 2000 até agosto de 2000) e o Agrupamento Delta cujo empenhamento é um dos visados nesta investigação com um efetivo de 295 militares (de agosto de 2000 a março de 2001) (EMGFA).

No ano de 2001, e face aos desenvolvimentos no TO Timor-Leste, as forças portuguesas retiram deste TO enquanto forças constituídas, deixando em permanência uma oficial e um sargento no QG da KFOR (Cavaleiro, 2005, pp. 50, 51).

Entretanto e com uma aparente acalmia em termos de conflitos e violência no território do Kosovo, a KFOR e as restantes forças internacionais iam-se adaptando à mudança de situação e reduzindo aos poucos os efetivos (Oliveira, 2011, pp. 132, 133).

Entre fevereiro de 2003 e abril de 2004 e na sequência do assumir da condução das operações por parte da Islândia, Portugal participou na KFOR com duas ambulâncias e cinco militares, com a sua atuação a incidir no aeroporto de Pristina.

“Em 2004, com o fim da participação no TO Timor-Leste e ainda com a redução de forças no TO Bósnia-Herzegovina (...), o Governo Português decidiu retomar a

²⁰ Acordo estabelecido em *Kumanovo* na Macedónia.

participação militar nacional no Kosovo através do empenhamento de uma UEB” (Cavaleiro, 2005, p. 51).

Assim, a partir de janeiro de 2005 Portugal enviou o 2º Batalhão de Infantaria (2BI) com um efetivo de 300 militares em Pristina, desta feita para cumprir missão como Reserva Tática²¹ do comandante da KFOR (Cavaleiro, 2005, p. 52).

Até março de 2011, o contingente português manteve-se no TO inserido no âmbito da KFOR integrando a KFOR *Tactical Reserve Manoeuvre* (KTM) que se constitui como TACRES, sempre com efetivos de, aproximadamente 290 militares com destaque para os empenhamentos do 1º BIMec entre março e setembro de 2006 e entre setembro de 2009 e março de 2010, aprofundados nesta investigação.

Entretanto, em junho de 2009 foi estabelecido a passagem progressiva da KFOR para a fase de Dissuasão, sendo este processo constituído por três fases: a fase 1 (*gate*) com o redimensionamento das *Multinational Task Forces* (MNTF) para *Multinational Battle Groups* (MNBG) implementada posteriormente em fevereiro de 2010, a fase 2 (*gate 2*) materializada pelo redimensionamento da força constituída por dois MNBG e uma Reserva (TACRES) implementada em outubro do mesmo ano e uma fase 3 (*gate 3*) reduzindo a força para um efetivo de 3000 militares integrados em unidades de manobra que atuam como reservas táticas (CFT, 2014).

“Após rendição do contingente, em março de 2011, Portugal reduz o efetivo para cerca de 160 militares”, tendo estes números sofrido poucas oscilações desde essa altura até à atualidade nas unidades que foram sucessivamente empenhadas (EMGFA).

Este facto deveu-se a nova reestruturação com a implementação, em fevereiro de 2011, das *Joint Regional Detachments* que se constituem como unidades de menor dimensões sem áreas de responsabilidade delineadas, que substituíram as *Multinational Brigades* com o intuito de agilizar a capacidade de atuação da KFOR em todo o território. Como consequência desta reorganização a KTM passou a integrar forças portuguesas e húngaras, sendo que o comando da mesma se manteve sobre a égide das forças portuguesas (Bühler, 2011).

²¹ *Tactical Reserve* (TACRES) – Em termos de conceito geral de emprego da TACRES KFOR, esta tem como objetivos a demonstração da intenção de uma resposta rápida do comandante no interior do Kosovo” (Cavaleiro, 2005, p. 52).

De salientar ainda a participação portuguesa entre abril de 2014 e outubro de 2014, com 182 militares do 1º BIMec, explorada também no decorrer deste trabalho.

“Atualmente a forma de emprego da KTM, como reserva tática comandante da KFOR, no TO do Kosovo, está definida (...) como podendo atuar de duas formas: no nível I, com uma Companhia de Manobra, meios de apoio de serviços proporcionais, sob controlo operacional do Comandante (Cmdt) da KTM, e no nível II, com duas Companhias de Manobra, meios de apoio de serviços do Batalhão e o Posto de Comando do Batalhão” (CFT, 2014).

3.6 O Uso da Força

“Hoje em dia o problema principal na maior parte dos conflitos, não é tanto a força teórica, mas sim a força efetiva, ou seja, a possibilidade de aplicar efetivamente as capacidades existentes” (Telo, 2016, p. 19).

Posto isto e tendo em conta o contexto no qual se insere o presente trabalho de investigação, o TO Kosovo apresenta uma situação cultural, social, político e religioso extremamente complexo em constante mutação sendo que, como consequência disso o uso da força por parte de uma força multinacional num TO com estas particularidades carece de controlo e limitação adequada conforme a tipologia de operação a o ambiente operacional com os quais se está a lidar e segundo as leis e normas internacionais.

Após a entrada da KFOR em 1999, esta “concentrava os seus esforços na imposição do *Military Technical Agreement* (MTA) e na desmilitarização do UÇK para permitir o fim da fase violenta (...) e a restauração da paz, a proteção da população do Kosovo e o regresso dos refugiados” (Oliveira, 2011, p. 129).

Assim, nesta fase as forças intervenientes para além de serem equipadas com meios mais robustos e serem constituídas por maiores efetivos, efetuavam tarefas como patrulhas, segurança a pontos importantes, reconhecimentos ou operações de cerco e busca (Freire, 2001, p. 23).

Até ao início de 2002, o ambiente de segurança no Kosovo era ainda instável principalmente devido a causas étnicas e políticas e as atividades relacionadas com o crime organizado continuavam a crescer, segundo sugere o Relatório Anual do Secretário – Geral das Nações Unidas (2001, p. 4).

Segue-se uma fase amena do conflitos, sem registo de grandes ocorrências com a NATO a reduzir os efetivos até aos acontecimentos de 2004 e 2005 o que levou a um retrocesso no processo de resolução do conflito, sendo nesta altura, “o emprego da força armada extremamente complexo. Por um lado, (...) as forças armadas que estariam treinadas e equipadas essencialmente para fazer face a ameaças mais robustas, viram-se na situação de controlar multidões sem armas à vista e equipadas com meios incendiários. Por outro, o conjunto de restrições impostas ao emprego da força (...) impediu a sua utilização com eficácia face a esta nova ameaça” (Oliveira, 2011, p. 133).

Com base nisto, a partir de 2005 o papel da KFOR passa a focar-se em tarefas relacionadas com o controlo dos grupos extremistas para estabelecer um ambiente seguro e estável, sendo criada uma Reserva Tática, referida anteriormente, na qual se inserem as FND.

CAPITULO 4. METODOLOGIA CIENTÍFICA

4.1 Introdução

Após a exposição dos principais conceitos e apresentação da problemática sobre a qual se baseia a presente investigação, urge a necessidade de explanar a metodologia científica que sustenta o estudo realizado, aprofundando aspetos como a natureza da investigação, as estratégias de investigação, as formas de abordagem, o desenho de pesquisa, as técnicas de recolha de dados, a caracterização da amostra, e o modelo de análise utilizado.

4.2 Natureza da Investigação

Quanto à natureza da investigação existem dois tipos mais utilizados: a investigação fundamental e a investigação aplicada.

A primeira caracteriza-se por se basear numa pesquisa e num trabalho cujo produto irá contribuir para a criação de novo conhecimento científico através da comprovação de teorias, leis científicas e princípios de base (IESM, 2016, p. 14).

A investigação aplicada visa explorar conhecimento e temáticas já adquiridas, procurando aprofundá-los por intermédio de diversas estratégias de investigação, sendo as mais comuns a qualitativa e a quantitativa. Existem ainda autores que defendem outras tipologias de investigação como é o caso de Freixo (2011, citado em IESM, 2016, p.15) que enuncia os seguintes tipos de investigação: avaliativa, científica, correlacional, descritiva, etnográfica, experimental, fenomenológica, quase-experimental e investigação-ação.

Assim, pode-se assumir a natureza da presente investigação como aplicada, uma vez que recorre ao estudo de conhecimento científico já confirmado, cujo objetivo é de aprofundamento do mesmo e de uma determinada organização de ideias por parte do investigador relativamente à temática em questão.

Quanto ao objetivo da presente investigação, esta é descritiva pois descreve um fenómeno durante um determinado período (Vilelas, 2009).

4.3 Estratégias de Investigação

As Estratégias de investigação são delineadas aquando da definição da metodologia de investigação que vai ser utilizada.

“Em função da natureza do problema que se pretende estudar (...), assim deverá ser adotada uma determinada estratégia de investigação (...) que podem assumir-se como abordagens do tipo quantitativo, qualitativo ou misto” (IESM, 2016, p. 27).

Segundo Freixo (citado em IESM, 2016, pp.27) a estratégia de investigação quantitativa é baseada na observação de fenómenos ou factos tangíveis e concretos independentes do observador e passíveis de ser analisados pelo mesmo, por intermédio de um processo sistemático de recolha de dados. No processo mencionado são utilizados instrumentos como é o caso vulgo dos questionários.

Relativamente á estratégia qualitativa realça-se o facto de existir sempre um grau de subjetividade inerente ao sujeito bem como ao meio em que este se insere sendo que daí advém a necessidade da realização de uma investigação baseada no estudo de fenómenos sociais e interpretação de padrões nos mesmos utilizando, por isso raciocínios predominantemente indutivos e estudos descritivos.

“As pesquisas que utilizam esta estratégia trabalham com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Em vez da meditação do fenómeno, o seu objetivo é alcançar um entendimento mais profundo e subjetivo do objeto de estudo” (...) (Vilelas, 2009, p. 108).

Já a estratégia de investigação mista, como a própria designação indica combina aspetos de cada uma das estratégias supra mencionadas.

“A ideia de um projeto de investigação abarcar simultaneamente as duas metodologias não é consensual, argumentando os que partilham a opinião que não é possível juntar as duas abordagens, uma vez que cada uma tem associado um determinado compromisso epistemológico e ontológico (...)” (IESM, 2016, p. 32).

No entanto, segundo Newman e Benz (1998, p. 22) existem vantagens de associar as duas estratégias como por exemplo numa investigação que requeira, numa primeira fase de uma revisão de literatura mais sólida complementada por uma fase de observação e

entrevistas exploratórias e numa segunda fase utilizar processos quantitativos de recolha de dados.

Dado que a base do trabalho de investigação em curso assume um carácter predominantemente descritivo, no qual são efetuadas análises a fenómenos específicos que incluem premissas que acarretam alguma subjetividade, optou-se por adotar uma estratégia de investigação qualitativa, em que o principal instrumento de recolha de dados será a pesquisa bibliográfica e as entrevistas.

4.4 Forma de abordagem

O método científico quanto à forma de abordagem traduz-se no “ conjunto de procedimentos e normas que permitem produzir conhecimento. Este conhecimento pode ser completamente novo ou ser o desenvolvimento, a reunião ou o melhoramento de um ou vários conhecimentos já existentes” (Sarmiento, 2013, p. 7).

Segundo Sarmiento (2013) o método científico pode ser desenvolvido segundo 3 diferentes raciocínios lógicos de base:

- O método dedutivo que sugere a dedução de uma ou várias premissas de carácter particular a partir de uma premissa geral mais abrangente, não sendo por isso possível a produção de conhecimento;

- O método indutivo que preconiza a ideia contrária ao método dedutivo ou seja, a assunção de uma premissa particular generalizando para uma mais abrangente;

- O método hipotético-dedutivo que propõe a elaboração de hipóteses de forma a explicar os fenómenos e a problemática levantado anteriormente. Essas hipóteses são depois testadas por intermédio de processos empíricos.

A base lógica que irá ser utilizada na presente investigação é o método indutivo. “O método indutivo corresponde a uma operação mental que tem como ponto de partida a observação de factos particulares para, através da sua associação, estabelecer generalizações que permitam formular uma lei ou teoria“ (IESM, 2014, p. 13).

No presente TIA pretende-se analisar as premissas retratadas nas questões derivadas, inseridas no contexto e tipologia de operação propostos por forma a poder verificar a sua evolução retirando assim conclusões.

4.5 Desenho de Pesquisa

Depois de definir as formas de abordagem e as estratégias de investigação que sustentam o estudo em causa é necessário formular um desenho de pesquisa que possibilitará, entre outros, a seleção de instrumentos de recolha e a análise de dados.

De acordo com IESM (2016,p.34) podem ser considerados os seguintes desenhos de pesquisa: transversal, longitudinal, experimental, estudo de caso, comparativo, *grounded theory* e histórico.

Dos desenhos de pesquisa referidos, o transversal recai sobre a análise e comparação de 2 ou mais estudos de caso enquanto o longitudinal analisa e acompanha a evolução de um determinado fenómeno acompanhando a atividade de uma amostra (Bryman, 2012 citado em IESM, 2016, p.35, 36) .

Por seu lado, o desenho experimental “está orientado para o resultado e para a comprovação fiável dos dados, consistindo na determinação de um objeto de estudo, na seleção das variáveis passíveis de o influenciar (...)” (IESM, 2016, p. 37).

Relativamente ao desenho comparativo é utilizado, como o próprio nome indica quando o objetivo é comparar dois ou mais casos destoantes com recurso as procedimentos semelhantes.

Já o *Grounded Theory* submete a investigação a um nível mais aprofundado e dinâmica no sentido em que, o investigador à medida que efetua a recolha de dados de forma empírica vai aprofundando as suas bases teóricas e questionando o próprio objeto de estudo ao longo de toda a investigação (IESM, 2016, pp. 39,40).

No que respeita à pesquisa história é passível de ser utilizada em quase todos os desenhos de estudo “ (...) desde que exista coerência e o procedimento permita alcançar os objetivos de pesquisa (...), no entanto (...) poderá ser designada desenho histórico (...) ” quando utilizada em trabalhos cuja investigação seja predominantemente de cariz histórico (Rego, 1963, p. 21).

Dos desenhos de investigação abordados, importa destacar o método de Estudo de Caso, uma vez que é este o método utilizado no trabalho de investigação em curso. O método de estudo de caso permite mediante a análise de casos isolados ou de pequenos grupos, entender determinados fatos. Este método parte do princípio de que o estudo de um

caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros, ou mesmo de todos os casos semelhantes sendo, em grande parte das vezes aplicado em estratégias de investigação do tipo qualitativo (Freixo, 2011, p. 110). Estes casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, ou comunidades.

O Estudo de Caso apresenta várias vantagens como o facto de ser apropriado para estudos de pequena escala devido às limitações de tempo ou de outros recursos e de serem, normalmente aplicados a “realidades fortes”, isto é a fenómenos que possibilitam uma perspetiva considerada representativa da realidade onde estão inseridos. Existem também alguns inconvenientes como a possibilidade de generalização desadequada dos resultados ou a interferência que poderá ocorrer do investigador na recolha de dados (Pérez Serrano, 1994, Verdasca, 1992 citados em Santos, 2000, p.87).

No trabalho em curso, a aplicação deste método incide sobre a análise do caso do emprego de forças do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado no Teatro de Operações Kosovo nos anos de 2000 e 2014.

4.6 Técnicas de Recolha de Dados

As técnicas de investigação quanto à recolha de dados, segundo Freixo (2011, p.192) podem ser observação, inquérito por questionário e inquérito por entrevista.

O mesmo autor refere que a técnica de observação pode ainda ser classificada quanto a dois aspetos: estrutura e participação do observador. No primeiro destes parâmetros, temos a observação estruturada que exige tempo de preparação e um acompanhamento sistemático do fenómeno bem como uma análise minuciosa e organizada, a observação não-estruturada utilizado muitas vezes numa fase exploratória da observação onde não existe muito tempo disponível de planeamento ou conhecimento do fenómeno estudado. No segundo parâmetro considera-se, observação não-participante onde não existe participação nem influencia do observador e na qual o acontecimento em estudo é acessível a todos e finalmente a observação participante caracterizada pela participação do observador no fenómeno, o que permite um maior conhecido da parte do mesmo e pode ou não influenciar o fenómeno estudado (IESM, 2016, pp. 75,76) .

O inquérito por questionário é considerado o método de recolha de dados mais utilizado no âmbito das ciências sociais porque se ajusta a um leque abrangente de objetos

de estudo, dada a facilidade com que este método se pode adaptar a cada situação segundo aspetos como as modalidades de perguntas (abertas, fechadas e escolha múltipla), o tipo de pergunta (explícitas, de índice, fato, ação, intenção ou opinião) e ainda a qualidade e organização de perguntas (respeitando os princípios da clareza, coerência e neutralidade) (IESM, 2016, pp. 77-84).

O inquérito por entrevista exige uma preparação mais aprofundada do entrevistador e a necessidade de “ (...) definição de objetivos, construção do guião, escolha dos entrevistados (...)”, sendo ainda necessário ter alguns cuidados ao longo da realização da entrevista como saber escutar, confirmar, controlar o fluxo de informação, dar feedbacks ou evitar informações gerais (Vilelas, 2009, pp. 284-287).

É possível ainda, segundo Pardal e Correia (1995, pp.65-66) classificar a entrevista em três tipos principais sendo eles a estruturada que requer rigor na colocação das questões, na qual o entrevistador assume o controlo da mesma, restringindo a entrevista ao guião com a máxima objetividade possível; a não-estruturada que permite um maior desenvolvimento nas respostas podendo assumir-se por vezes como uma conversa dirigida (em torno do tema especificado no início da entrevista) ou não-dirigida (com maior abrangência de assuntos); e a semiestruturada que se caracteriza por se orientar pelo guião de perguntas abertas que o entrevistador dispõe mas que vão sendo colocadas de forma oportuna no decorrer da conversa, por forma a encaminhá-la segundo os objetivos da entrevista.

As entrevistas efetuadas são de carácter presencial e predominantemente confirmatórias uma vez que, procuram obter informações que validam as fontes secundárias exploradas e feitas na primeira pessoa (Sarmiento, 2013).

Existem ainda outros autores que consideram diferentes métodos como a análise documental, que é utilizado mais frequentemente na fase exploratória da investigação. Assim, no caso vertente, esta técnica deverá ser desenvolvida com maior ênfase numa fase mais embrionária do trabalho e posteriormente, aquando da análise dos relatórios de final de missão e diretivas de aprontamento sendo que, estes documentos constituem-se como fontes de dados secundárias²². As fontes de dados primárias²³ são materializadas através da

²² “Os dados primários são pesquisados pelo investigador, com vista a satisfazer uma necessidade de informação presente e específica. São geralmente pesquisados pelo investigador” (Sarmiento, 2013, p. 16).

elaboração de entrevistas semiestruturadas a militares presentes nas forças empregues no Teatro Kosovo com o objetivo de comparar informações e retirar conclusões relativamente ao tema do trabalho em discussão.

4.7 Caracterização da amostra

Por amostra entende-se “ (...) um subconjunto não vazio dos indivíduos pertencentes a uma população. Uma amostra é representativa quando contém proporcionalmente todas as características qualitativas e quantitativas da população” (Sarmiento, 2013, p. 75).

De acordo com o desenrolar dos acontecimentos descritos nos capítulos 1 e 3 referentes à contextualização histórica do conflito e ao próprio TO Kosovo, e tendo em consideração o espaço temporal delimitado entre os anos de 2000 e 2014, identificámos dois períodos distintos da intervenção de forças portuguesas. Numa primeira fase compreendida entre 2000 e 2001 que abrange apenas um empenhamento do 1º BIMec com uma CompAtMec inserida no Agrupamento DELTA e que materializa o fim do primeiro ciclo de intervenções com forças portuguesas constituídas no Kosovo; o segundo período entre os anos de 2005 e 2014 no qual as forças portuguesas integram a Reserva Tática da KFOR

Assim, tendo em conta o contexto sobre o qual foi desenvolvida a investigação e as entrevistas efetuadas, considerou-se a população²⁴ como todos os comandantes das FND presentes no Teatro de Operações do Kosovo desde a primeira intervenção portuguesa, em 1999 até à atualidade. Dada a incomportabilidade (por limitações diversas, das quais se destaca a limitação temporal) de serem considerados, no âmbito do presente estudo, todos os oficiais dessa mesma população, achámos necessário selecionar uma amostra representativa desta população que, decorrente do objetivo deste trabalho (Descrever as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014)), e da consideração dos dois períodos identificados no parágrafo anterior, nos pareceu razoável e metodologicamente

²³ “Os dados secundários já existem e foram recolhidos, registados e analisados por outras pessoas, para o mesmo fim ou para outros fins diferentes do propósito específico da presente necessidade de informação (Sarmiento, 2013, p. 16).”

²⁴ “O universo ou população é o conjunto de indivíduos (pessoas, objetos, empresas, equipamentos, entre outros) com uma ou mais características comuns, que se pretende analisar ou inferir” (Sarmiento, 2013, p. 71).

justificável, ser materializada pelos comandantes da FND destacada no TO Kosovo, nos anos de 2000 e 2014.

Considerámos por isso, relevante efetuar entrevistas aos comandantes das FND no primeiro e segundo períodos supra mencionados uma vez que, tendo em conta a delimitação e contextos referenciados anteriormente, foram assumidos como períodos distintos, entre os quais é possível identificar diferenças que se julgam importante e que nos parece poderem ser clarificadas e esclarecidas por intermédio de entrevistas.

4.8 Modelo de Análise

No decorrer da fase de estudo exploratório da presente investigação científica, surgiu a necessidade da elaboração de um modelo de análise que permitisse a observação de um conjunto de fatores solidamente observáveis ao longo do período estipulado (nos anos 2000 a 2014), no TO e unidade contemplados (TO Kosovo, 1º BIMec), com o intuito de responder ao objetivo geral do trabalho: “Descrever as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizada, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014).”

De acordo com a PDE 5 - 00 (2007, p. 4- 2 e 4- 3), “a tecnologia, a natureza fluida das operações e o volume de informação aumentam a importância da aptidão do comandante em visualizar e descrever as operações, a fim de traduzir a sua intenção”, por isso e tendo em conta que “ as decisões são baseadas na missão e nos condicionamentos impostos ao seu cumprimento e na consideração das características da AOp/AOO, do In, da situação das forças amigas, do tempo disponível e das considerações de natureza civil (...) ”, foram estabelecidos um conjunto de fatores “ (...) para avaliar a situação e desenvolver a perspetiva do comandante da ação a empreender“, sendo eles os Fatores de Decisão.

Assim, estabelecemos um modelo de análise adaptado desses factores de decisão²⁵ espelhados na Publicação Doutrinária do Exército 3-00 e retratado na ilustração a seguir.

²⁵ Anexo A.

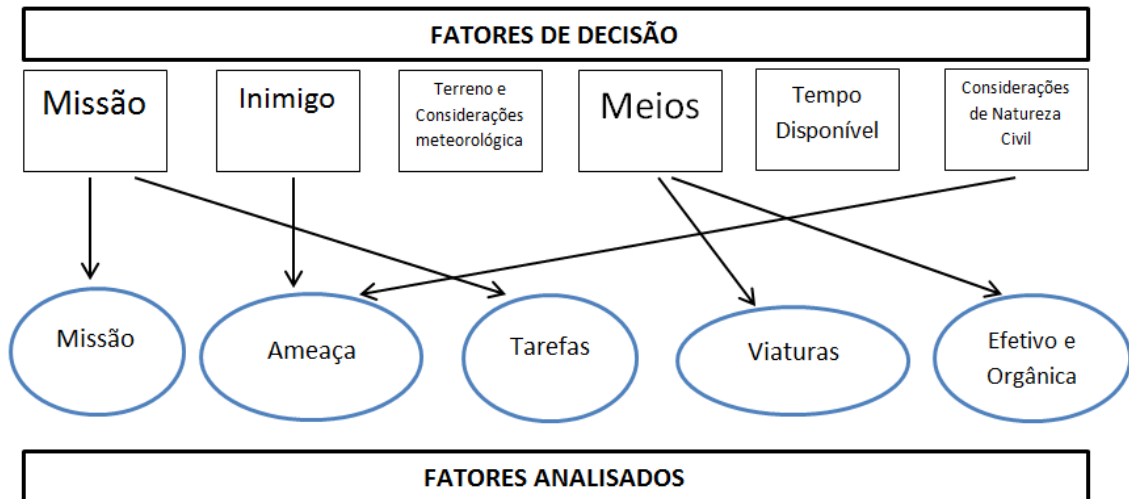


Ilustração 2 - Modelo de Análise

Fonte: Baseado na PDE 5 – 00.

Com este modelo de análise, aplicado a cada um dos quatro empenhamentos que decorrem ao longo do período referido, pretende-se efetuar uma análise aos fatores Missão, Ameaça, Tarefas, Viaturas, Efetivo/Orgânica, observados nas missões anteriormente mencionadas. Saliente-se ainda o facto de, no fator Tarefas serem contempladas não só as tarefas efetuadas no TO mas também no âmbito do Treino Orientado para cada missão.

Os fatores Missão, Tarefas, Efetivo/Orgânica e Viaturas, materializam a ação efetiva e a atuação das forças no terreno bem como a sua organização para desempenhar tais tarefas, enquanto o fator Ameaça pretende retratar parte do ambiente operacional presente no Kosovo em cada um dos diferentes períodos.

A aplicação deste modelo irá materializar em dados concretos as alterações inerentes ao emprego de forças ao longo do período abordado no teatro Kosovo, por intermédio da associação dos fatores considerados tendo por base os depoimentos obtidos nas entrevistas e a análises de relatórios de final de missão

O modelo de análise será aprofundado de forma mais objetiva no capítulo 5 que espelha a sua implementação na investigação inserida no contexto mencionado.

4.9 Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos

O trabalho de investigação realizado encontra-se dividido em 6 capítulos, (excluindo a “Introdução”), onde a investigação em questão é enquadrada e justificada e onde são mencionados os objetivos e definidas as questões sobre as quais se baseia o trabalho.

No primeiro capítulo é efetuada uma revisão de literatura prévia envolvendo os conceitos e enquadramento teórico do tema do trabalho de investigação, de forma a facilitar a sua interpretação.

O segundo capítulo, dando seguimento ao primeiro, na senda de construção de uma problemática²⁶ explana uma breve síntese histórica e enquadramento doutrinário da unidade em questão, o 1º BIMec bem como as missões que tem vindo a desempenhar num passado recente.

De seguida, no terceiro capítulo, continua-se o desenvolvimento da problemática aprofundando a temática Kosovo, retratada no primeiro capítulo e acrescenta ainda algumas considerações relativas à análise do contexto étnico e religioso em que se insere bem como a intervenção da CI neste TO.

Ao quarto capítulo, intitulado de “Metodologia científica”, cabe enquadrar a investigação quanto aos procedimentos e métodos adotados ao longo do trabalho.

No quinto capítulo é efetuada uma análise comparativa das quatro missões em estudo, baseado no modelo de análise apresentado de seguida.

Por fim são apresentadas as “Conclusões e Recomendações” onde são respondidas as questões derivadas e central e onde é efetuada uma reflexão crítica sobre as perspetivas associadas à investigação.

²⁶ Entendida esta como “... a abordagem ou a perspetiva teórica que decidimos adotar para tratar o problema colocado pela pergunta de partida.” (Quivy, 2005, p. 77)

CAPÍTULO 5. IMPLEMENTAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Introdução

Tendo por base a metodologia utilizada no trabalho de campo, a análise dos documentos resultantes dos empenhamentos no TO Kosovo do 1º BIMec no período compreendido entre 2000 e 2014, este capítulo tem como finalidade expor o produto dessa análise e observação de dados de acordo com o modelo descrito, fundamentado nos fatores de decisão militar.

Através da implementação deste modelo de análise, consolidado com os testemunhos recolhidos por intermédio das entrevistas realizadas, julgamos possível retirar algumas reflexões sobre a atuação do 1º BIMec no TO do Kosovo ao longo do período referido.

5.2 Modelo de Análise

De acordo com referido no Capítulo 4, o modelo de análise apresentado representa uma adaptação dos factores de decisão à realidade e contexto mencionados no enquadramento da investigação. Assim serão analisados os fatores Missão, Ameaça, Tarefas, Viaturas, Efetivo e Orgânica.

De forma a facilitar o entendimento dos dados que se seguem, consideramos relevante nesta fase associar de forma clara a FND ao período em que se encontrou empenhada no TO Kosovo por intermédio da tabela 2.

Tabela 2 - Período de Empenhamento

FND	Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo
Agrupamento DELTA ²⁷	11AGO00 – 31MAR01
1º Batalhão de Infantaria Mecanizado	16MAR06 – 22SET06
1º Batalhão de Infantaria Mecanizado	26SET09 – 23MAR10
1º Batalhão de Infantaria Mecanizado	06ABR14 – 04OUT14

Fonte: Adaptado de CFT (2001, 2006, 2010, 2014).

5.2.1 Missão²⁸

O fator Missão é referente à missão atribuída à FND aquando da sua integração no TO Kosovo e refletem as missões das FND presentes nas diretivas de aprontamento.

No período compreendido entre 11 de agosto de 2000 e 31 de março de 2001 estava da seguinte forma descrita a missão do Agrupamento DELTA: era “O Agrupamento DELTA assume a responsabilidade do sector atribuído a partir de 11Ago00, para manter um ambiente de segurança, monitorizar e impor o cumprimento dos acordos ratificados (MTA e *Undertaking*) e garantir a liberdade de movimentos; controla as vilas de *Klina* e *Zlocukane*; estabelece e mantém segurança e medidas de prevenção contra ataques de morteiro ao Mosteiro de BUDISAVCI ou outros locais de carácter religioso, cultural ou político da *Area of Responsibility* (AOR); apoia e presta assistência à UNMIK, nas suas atividades, de acordo com os meios e capacidades disponíveis, com prioridade para o estabelecimento da lei e ordem públicas, melhoria das condições de vida e processo de

²⁷ Comando do Agrupamento DELTA atribuído a uma unidade de cavalaria, no qual integra uma Companhia de Atirados do 1º BIMec.

²⁸ Anexo D.

transformação do UÇK; à ordem, participa na condução de *Information Operations* (INFOOPS) e atividades de apoio, de acordo com as diretivas superiores; estabelece ligação com as autoridades locais, Organizações Internacionais (OI) e Organizações não Governamentais (ONG) existentes no sector; coopera com as OI e ONG que operam no seu sector.”²⁹

Importa referir que o facto deste empenhamento se estender por um período superior aos seis meses habituais se deve ao facto de esta FND representar a última força a estar presente no Kosovo, encerrando assim o primeiro ciclo das forças portuguesas neste TO e que, por isso se mantiveram durante mais três meses que o inicialmente previsto de forma a efetuarem a retração de todo o dispositivo português.

Relativamente ao empenhamento decorrido entre 16 de março de 2006 e 22 de setembro de 06, a missão do 1º BIMec era “O 1º BIMec/TACRES/KFOR constitui-se a partir de 16MAR06, como a *KFOR TACRES MANBAT* (KTM) em controlo operacional do comandante da KFOR; prepara-se para ser empregue no TO do Kosovo para contribuir para a manutenção de uma ambiente calmo e seguro. À ordem reforça a EUFOR na BiH” (CFT, 2006).

Entre 26 de setembro de 2009 e 23 de março de 2010, é referida assim a missão do 1º BIMec: “O Comando Operacional organiza e apronta uma Unidade de Escalão Batalhão (UEB) para, a partir de Setembro de 2009, render o 1º BI/BrigInt/TACRES/KFOR na operação militar da NATO no KOSOVO, como Reserva Tática da KFOR, garantindo a coordenação do seu transporte para e do Teatro de Operações (TO), bem como a sua sustentação no decurso da operação” (CFT, 2009).

A missão relativa ao empenhamento do 1º BIMec no período compreendido entre 6 de abril de 2014 e 4 de outubro de 2014 foi: A KTM, à ordem, é destacada no Kosovo com especial incidência para a AOR da MNBG East, para desempenhar todas as tarefas específicas de infantaria, incluindo *Intelligence, Surveillance and Reconnaissance* (ISR) e *Crowd Riot Control* (CRC), a fim de deter e prevenir qualquer ameaça contra um ambiente seguro e estável e a liberdade da força. Portugal como nação no comando da KTM, garante a gestão total das instalações do *Camp Slim Lines* a fim de sustentar a concretização da missão da KTM (KTM, 2014).

²⁹ (CFT, 2001).

Análise do Fator

Relativamente ao fator abordado “missão” é possível identificar, através da análise das missões elaboradas no antecedente da introdução das forças no TO, alterações ao nível da estrutura e organização da KFOR na qual a FND se insere o que, de certa forma afeta também a Missão atribuída à mesma. É também possível identificar os dois períodos acima delimitados nas missões explanadas nomeadamente, o primeiro período (1999 a 2001) em que as FND portuguesas integram a MNB W e o segundo período (2005 à atualidade) na qual as forças integram a Reserva Tática da KFOR.

Nesta segunda fase, o 1º BIMec constitui a KTM, com a particularidade de esta ser totalmente formada por forças nacionais sendo este facto identificável nas missões relativas aos empenhamentos de 2006 e de 2009/2010, enquanto que durante o último empenhamento em 2014 a KTM é formada por uma força multinacional na qual integram forças do 1º BIMec e forças húngaras, com comando português.

5.2.2 Ameaça

Segundo a PDE 3-00 de 2012, podemos descrever o conceito de ameaça como Estados, organizações, pessoas, grupos ou condições (fenómenos naturais por exemplo), com capacidade para danificar ou destruir vidas humanas, recursos vitais, ou instituições sendo que estas se podem ser classificadas de quatro formas: ameaças tradicionais constituídas por Estados que empregam forças militares de formas convencional, irregulares que recorrem a métodos e meios não convencionais como o terrorismo, a subversão e guerra de guerrilha, catastróficas que envolvem a aquisição, posse e empego de armas de destruição massiva e as desestabilizadores que se materializam pelo desenvolvimento de novas tecnologias que são empregues pelo inimigo com a finalidade de reduzir ou anular as vantagens das nossas forças em determinados domínios.

As citações de seguida explanadas são extraídas quer de relatórios de final de missão quer das entrevistas realizadas aos comandantes das FND, que poderão traduzir características do ambiente operacional do Kosovo relativas ao período específico em que se inserem, concretamente a ameaça e população.

No primeiro empenhamento (11AGO00 – 31MAR01) e segundo a entrevista realizada ao Comandante do Agrupamento DELTA, a ameaça era concretizada por

“ameaças à tranquilidade e boa convivência entre as diversas comunidades, à liberdade de movimento e ao cumprimento dos acordos estabelecidos materializados (...) por pequenos fenómenos de criminalidade que ocorriam de forma isolada no nosso setor” (Banazol, 2016).

O comandante do Esquadrão de Reconhecimento (ERec) inserido nesta FND dá exemplos destes fenómenos: “Um dia, aconteceu uma patrulha nossa deparar com um homicídio que tinha acontecido há pouco tempo, ou um outro que ocorreu em Klina, mesmo em frente à polícia, para não falar do assassinato do presidente da câmara, com sete tiros (...)” (Freire, 2001, p. 19).

Relativamente à população, apesar de cumprir à risca as indicações do pessoal e para além de não haver, numa forma sistemática e deliberada, comportamentos que gerassem distúrbios, a mesma, no seu seio, continuava as práticas ilegais (mercado negro, extorsão, chantagem) nem sempre longe dos olhares da KFOR. Ainda assim era possível constatar que estavam longe os tempos de imposição da lei e ordem que caracterizavam a ação de outros Agrupamentos no passado próximo (Freire, 2001).

No que concerne ao segundo empenhamento analisado (16MAR06 – 22SET06) verificou-se que o crime organizado associado à economia paralela continua a ser um fator desestabilizador. O bom ou mau desempenho das Forças responsáveis pela segurança a apoio da População, são importantes para assegurar, ou não, a segurança e a estabilidade do Kosovo (CFT, 2006). Verificaram-se ainda alguns incidentes isolados, fruto da instabilidade política que se fazia sentir na região como é o caso do rebentamento de uma granada num café em *Mitrovica* e em *Klina*. Apesar destes incidentes o número de crimes motivados pela tensão étnica tem diminuído consideravelmente (Security Council, 2006).

No terceiro empenhamento abordado (26SET09 – 23MAR10), tendo em consideração a implementação da Declaração Unilateral da Independência a 24 de novembro de 2008, a situação relativa à segurança da população permaneceu relativamente calma mas frágil. A ameaça continuou a ser materializada essencialmente por fenómenos isolados inerentes a atividades de crime organizado e atos de violência contra a minoria sérvia um pouco por todo o território kosovar: “*Overall, there has been no increase in the number of incidents, including those affecting the minority communities, in comparison with the previous reporting period; however, the persistence of incidents continues to*

represent an obstacle to returns and perpetuates a perception of insecurity among the minority communities.” (Security Council, 2010, p. 4)

Relativamente ao último e mais recente empenhamento abordado (06ABR14 – 04OUT14), segundo o comandante da FND a ameaça “ (...) caracterizou-se, essencialmente, por entidades interessadas em restringir a liberdade de movimento a norte de Mitrovica, através de colocação de bloqueios de estrada, e ainda, pelo crescimento das atividades de recrutamento de extremistas islâmicos” (Teixeira, 2016).

Continuaram a verificar-se também incidentes de violência étnica principalmente aquando da chegada de população sérvia para comemorações de carácter religioso em território kosovar, como é possível verificar no Relatório do Secretário-geral das Nações Unidas de 31 de outubro de 2014: *“Security incidents affecting Kosovo’s non-majority communities, including returnees, continued to occur at a rate comparable to the preceding reporting periods, although their number noticeably increased (...), in the western part of Kosovo”*.

Análise do Fator

Após a análise das citações referenciadas é possível identificar uma ameaça difusa, de carácter não convencional e que se encontra presente de forma intermitente não se limitando fisicamente apenas a um grupo ou adversário militar mas sim a uma panóplia de atividades baseadas essencialmente em fenómenos violentos levados a cabo por grupos étnicos e pelo recrutamento do extremismo islâmico. Sendo assim, e dado o nível médio e baixo de ameaça, poderemos enquadrar este tipo de ameaça segundo as classificações acima explanadas como irregular.

Segundo os Relatórios de Final de Missão observados e as entrevistas realizadas e tendo em consideração que estes são referentes aos períodos particulares em que a unidade 1º BIMec enviou forças e esteve presente no TO Kosovo, é possível identificar um nível de ameaça Médio a Baixo (dependendo da região e do período analisado) no decorrer dos 14 anos analisados com especial incidência para os quatros empenhamentos estudados.

Identificámos, ao longo deste mesmo período, que a ameaça se materializa essencialmente por um lado, em fenómenos de criminalidade e violência associados ao crime organizado e atividades ilícitas e por outro lado, a atos violentos e/ou manifestações entre os diferentes grupos étnicos. Podemos também constatar, através da entrevista

realizada ao comandante do 1º BIMec (que esteve no teatro no último semestre de 2014), que existe um crescimento de atividades de recrutamento de extremistas islâmicos devido às condições precárias em que vive a população e que torna o território do Kosovo fértil para este tipo de práticas.

Atualmente e segundo o comandante do 1º BIMec presente no TO em 2014, é possível circunscrever as causas das ameaças presentes no Kosovo em três grandes áreas nomeadamente nos conflitos inter- étnicos capazes de mobilizar massas e provocar distúrbios civis, no extremismo islâmico e atividade de recrutamento para grupos terroristas (*Extremists claiming affiliation with islam – ECAI*) e no insuficiente desenvolvimento económico, com repercussões na estabilidade social.

5.2.3 Tarefas³⁰

Pretende-se, com este fator, a identificação das tarefas inerentes às missões táticas e a outras atividades desenvolvidas em áreas como a *Civilian and Military Cooperation* (CIMIC), executadas no TO durante os períodos de empenhamento abordados. Achamos também pertinente identificar neste subcapítulo, a componente do treino orientado desenvolvido quer na fase de aprontamento das FND, quer durante a sua permanência no Kosovo uma vez que, também este fator poderá evidenciar alterações no decorrer do período referido.

³⁰ “Tarefa é uma ação ou atividade necessária ao cumprimento da missão” (CID, 2007, pp. 5-11).

Tabela 3 - Tarefas

Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo	Tarefas
11AGO00 – 31MAR01	Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Segurança e Defesa de Pontos Sensíveis e Pontos Críticos; Controlo de itinerários e de acessos; Patrulhas; Constituir Força de Reação Rápida; Operações de vigilância de fronteira; Demonstração de força; Operações de Cerco e Busca; Atividades CIMIC; Escoltas; Montagem de Postos de Controlo; Atuar como força de reforço; Segurança a ações de desminagem.
16MAR06 – 22SET06	Ações de Reconhecimento; Atividades CIMIC; Segurança e Defesa de Pontos Sensíveis e Pontos Críticos; atuar como força de reforço ³¹ ; Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Operações de Cerco e Busca; Operações de Cerco e Busca.
26SET09 – 23MAR10	Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Escoltas; Patrulhas; Atividades CIMIC.
06ABR14 – 04OUT14	Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Segurança de Pontos Sensíveis; Escoltas; Patrulhas; Ações CIMIC; um incidente NBQ.

Fonte: Adaptado de CFT (2001, 2006, 2010, 2014).

Relativamente às tarefas executadas pelas unidades no TO (conforme na Tabela 3), podemos verificar que não sofrem alterações significativas no decorrer dos quatro empenhamentos explorados, sendo todas elas típicas de Missões de Apoio à Paz.

No entanto é possível identificar na primeira missão (11AGO00 – 31MAR01) tarefas associadas à imposição de paz, como referido nos capítulos referentes à problemática como “operações de cerco e busca“, “montagem de postos controlo” e a “segurança a ações de desminagem.” Posto isto, podemos também reconhecer os dois períodos da intervenção portuguesa, no primeiro período onde são denotadas tarefas inerentes ao contexto da imposição de paz e no segundo período com tarefas inerentes a atividades no âmbito da ISR.

³¹ Maior incidência neste tipo de ações.

Saliente-se ainda o facto de serem desenvolvidas atividades na CIMIC, como campanhas de sensibilização, distribuição de bens de primeira necessidade, monitorização e segurança em atividades políticas ou colaboração na reconstrução de edifícios durante os quatro empenhamentos abordados com o objetivo de “ (...) contribuir para a proteção da força nas áreas onde se admite que possa vir a intervir, apoiar a comunicação estratégica enquanto atores que contribuem para assuntos de defesa e segurança da NATO e da União Europeia, e ainda, garantir a manutenção de uma imagem de equilíbrio e imparcialidade entre as partes em conflito, ou em negociação” (Teixeira, 2016, p. 4).

5.2.3.1 Treino Orientado

Entende-se por treino orientado o conjunto de atividades de treino que visa a manutenção e o aperfeiçoamento das capacidades fornecidas aos militares através da formação e do treino na função, vocacionado para uma situação ou missão específica, como por exemplo o aprontamento dos militares pertencentes a uma FND. Este tipo de treino é da responsabilidade do comando designado para a preparação de Unidades, a quem é cometida a missão de as organizar e aprontar. Conta, no que diz respeito à conceção do programa de treino, ao apoio técnico-pedagógico, à validação e à avaliação, com a colaboração do CID e do Comando das Forças Terrestres (CFT) (IESM, 2002) .

A tabela 4 espelha as tarefas desenvolvidas no âmbito do treino orientado para a missão.

Tabela 4 - Treino Orientado

Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo	Treino Orientado
11AGO00 – 31MAR01	Treino de Tiro; Treino VCB; Defesa de Pontos sensíveis; Proteção e Reconhecimento de Itinerários; Reação a emboscadas; Escoltas; Coordenação de apoio de fogos; Ações ofensivas contra forças; Sapadores.
16MAR06 – 22SET06	Treino de Tiro; Ações de Combate em Áreas Edificadas; CRC; Vigilância e reconhecimento; Escoltas; Patrulhas; Postos de controlo; Operações anti contrabando.
26SET09 – 23MAR10	CRC; Treino de Tiro; Treino com Helicópteros; Operações de Demonstração de Força; Operações de Apoio ao Contra Terrorismo; Reação a ataques sniper;
06ABR14 – 04OUT14	CRC; Treino de Tiro; Ações de Combate em Áreas Edificadas; Treino com Helicópteros; Escoltas; Reação a ataques sniper;

Fonte: Adaptado de CFT (2001, 2006, 2010, 2014).

Antes de efetuar a análise dos dados recolhidos na tabela, importa referir que a mesma não expõe todas as ações e operações levadas a cabo no treino orientado das unidades, mas apenas as consideradas mais relevantes e representativas das áreas sobre as quais o treino orientado mais incide. No que concerne ao treino orientado este incide, numa primeira fase, principalmente no treino de tarefas de cariz mais convencional, associadas mais ao conceito de imposição de paz que como é o caso de “Ações ofensivas contra forças”, “Reação a emboscadas” ou “Coordenação de apoio de fogos” com pouco relevo para as ações de *Crowd Riot Control* (CRC) como se pode concluir pelas declarações do Comandante do Agrupamento DELTA: “não posso deixar de salientar que na área do Controlo de Tumultos existiram algumas lacunas pois o treino operacional nesta área não era ainda o mais adequado dado estarmos ainda numa fase embrionária no que à exploração do CRC.”

Para além disto, é necessário ter em consideração que, neste período “uma força que atue em controlo de tumultos, apenas na situação de emergência, encontrava-se extremamente vulnerável, dadas as restrições que as ROE³² implicavam para a resposta da força, e a sua capacidade de proteção, perfeitamente inadequada a esta situação (CFT, 2001, p. 32).

A partir de 2005 as tarefas de controlo de tumultos começam a assumir-se como fundamentais quer no período de preparação da força, quer no período em que a mesma se encontra no teatro, face ao evoluir do ambiente operacional e ao tipo de ameaça no Kosovo. O facto de as unidades efetuarem treino orientado de alta intensidade, no âmbito da NRF e em exercícios de Brigada que incide em Operações Ofensivas e/ou Operações Defensivas numa fase que antecede o aprontamento e posteriormente, durante esse aprontamento efetuarem o treino orientado para as Operações de Estabilização permite “obter um nível de prontidão coerente e credível” bem como o desenvolvimento da coesão e prática de comando na força (Teixeira, 2016).

Ainda assim, e apesar que grande evolução nesta área identificada ao longo do período analisado, continua a verificar-se que a formação e preparação de Controlo de Tumultos dada no Exército são inadequadas face à realidade experienciada por várias unidades no Kosovo uma vez que, continua a não se aplicar, em planeamento e conduta, os meios complementares de apoio à manobra, para operações militares de controlo de tumulto adequados, sendo necessário ter o foco nas operações militares de controlo de tumultos e não operações de segurança de controlo de tumultos (Teixeira, 2016).

É possível identificar ainda outras tarefas como o treino do Combate em Áreas Edificadas ou Escoltas, Reação a ataques *sniper* ou operações de demonstração de força que apesar de características de Operações Ofensivas ou Defensivas, podem ser também associadas ao tipo de missões de Apoio à Paz em questão dado o ambiente urbano e instável que lhes é inerente.

³² *Rules of Engagement.*

5.2.4 Viaturas

O fator viaturas integra exclusivamente viaturas blindadas³³ presentes no TO, pois entendemos que o seu emprego pode ser um indício elucidativo do tipo de operações em que atuam.

As viaturas identificadas são exclusivamente viaturas blindadas que, segundo o Manual de Armamento e Tiro de Carros de Combate (1985), podem ser classificadas como viaturas blindadas de combate (dotadas de poderosos meios de fogo, dispoendo de um sistema de autopropulsão por lagartas), viaturas blindadas de reconhecimento (de rodas ou de lagartas, de pequena tonelagem, dotadas de fraca blindagem e armadas com uma ou mais metralhadoras, normalmente acopladas com um canhão de tiro rápido de pequeno ou médio calibre), viaturas blindadas especiais (são fabricadas para fins específicos bem determinados) e viaturas blindadas de combate de infantaria (de rodas ou lagartas que transportam combatentes, geralmente uma secção de atiradores dispoendo de um determinado poder de fogo adequado à missão) que, por sua vez podem ser subdivididas em três subtipos (Sousa, 1985):

- Viatura Blindada de transporte de Pessoal (VBTP) que se caracteriza por ser uma viatura blindada com uma metralhadora montada no teto que não permite aos atiradores fazerem fogo dentro da viatura;
- Viatura Blindada de Combate de Infantaria tipo A que possui uma torre, onde é montado um canhão de pequeno calibre (20, 25 ou 30mm) e uma metralhadora coaxial. Confere a possibilidade de uma secção de atiradores combater montada e fazer fogo a partir do seu interior, ou combater apeada atrás da viatura;
- Viatura Blindada de Combate de Infantaria tipo B que possui um canhão de pequeno calibre e uma metralhadora coaxial montadas numa torre. Não possui, deliberadamente, portas ou janelas o que impossibilita os atiradores de fazer fogo a partir do seu interior.

A tabela 5 ilustra as características das viaturas blindadas utilizadas pelas FND presentes no TO Kosovo no decorrer dos quatro períodos abordados.

³³ “Viaturas de combate, protegidas por couraças metálicas de espessura variável (blindagem) que defendem as guarnições, armamento, carga e órgãos mecânicos dos tiros das armas ligeiras e dos estilhaços das granadas de morteiro e de artilharia (Sousa, 1985, pp. II-5)”.

Tabela 5 - Características das Viaturas Blindadas

Características	Viaturas Blindadas			
	M113	Panhard M11	Pandur II	Chaimite V200
Tipo	VBTP	Viatura Blindada de Reconhecimento	VBTP	VBTP
Tração	Lagartas	Rodas 4x4	Rodas 8x8	Rodas 4x4
Peso Bruto (kg)	11 156	3 530	22 500	7 622
Ano de Fabrico	1976	1989	2005	1966
Proteção balística (Anexo E)	Nível 2	Nível 1	Nível 1	Nível 1
Proteção anti mina	Nível 1	Nível 1	Nível 2a	Nível 1
Proteção NBQ	Não	Não	Sim	Não
Velocidade (Km/h)	64	120	105	89,6
Autonomia (Km)	475	500	600	500
Consumo Estrada (L/100 Km)	76	15,1	60	40
Guarnição	11	3	10	10
Dimensões (m)	Comprimento – 4,863 Largura – 2,686 Altura – 2,500	Comprimento – 3,957 Largura – 2,020 Altura – 2,140	Comprimento – 7,40 Largura – 2,87 Altura – 2,84	Comprimento – 5,60 Largura – 2,26 Altura – 2,39
Armamento	MP 12,7mm	MP 12,7mm ou ML 7,62mm	MP 12,7 mm	MP 12,7mm
Sistema de Georreferenciação	Não	Não	Sim	Não
Sistema de Aquecimento	Não	Ar condicionado: ESC, regulado (segundo especificação Panhard)	Sim	Não
Sistema de Insuflação de Pneus	Não	Sim	Sim	Sim

Fonte: Adaptado de RET/DSM (1967, 1976, 1989, 2008).

Tabela 6 - Número de Viaturas Blindadas utilizadas por empenhamento

Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo	Número de Viaturas Blindadas utilizadas			
	M113	Panhard M11	Pandur II	Chaimite V200
11AGO00 – 31MAR01	10	11	0	11
16MAR06 – 22SET06	0	18	0	9
26SET09 – 23MAR10	0	18	0	9
06ABR14 – 04OUT14	0	18	5	0

Fonte: Adaptado de CFT (2001, 2006, 2010, 2014).

De acordo com as tabelas acima apresentadas julgamos ser possível apresentar algumas considerações relativamente às quatro viaturas blindadas identificadas utilizadas nas quatro missões analisadas.

5.2.4.1 M113

Esta viatura foi apenas empregue no primeiro empenhamento analisado (11AGO00 – 31MAR01) integrando a CompAtMec com 10 unidades. Apresenta-se como uma viatura robusta devido a fatores como o peso bruto, às suas próprias dimensões e tração a lagartas.

Estas características “permitiam quando necessário a execução de missões relacionadas com a demonstração de força à população, por outro lado para desempenhar outras tarefas no âmbito de reconhecimento, patrulhas e outras, (...) eram meios demasiado “pesados” para a realização das mesmas” (Banazol, 2016).

Dado o contexto de imposição de paz que se verificava nesta primeira fase da intervenção das forças da KFOR, e tendo em conta as características apresentadas esta viatura permitia a intervenções da força em situações de maior grau de violência.

5.2.4.2 Panhard M11

Esta viatura é a única analisada empregue no TO ao longo de todo o período, o que significa que esteve presente na primeira de fase da intervenção no âmbito da imposição de paz e na segunda fase no âmbito da manutenção e restabelecimento de paz. Tendo em conta o seu peso bruto, blindagem e dimensões é possível afirmar que é uma viatura mais veloz e flexível do que o M113, o que permitiu a sua utilização em operações de

reconhecimento, escoltas ou patrulhas. No entanto, dado ser uma viatura mais ligeira, não será tão adequada para situações em que seja necessário o emprego de controlo de tumultos.

5.2.4.3 Pandur II

A Pandur II foi introduzida no TO Kosovo no ano de 2013, sendo por isso identificada na última missão abordada (06ABR14 – 04OUT14). É uma viatura recente que possui tecnologia avançada, como o sistema de georreferenciação e proteção anti minas, tem também um peso bruto que lhe permite atuar em situações de controlo de tumultos e efetivar o seu poder de dissuasão. O sistema de georreferenciação revelou também grande utilidade para testar o sistema de comando e controlo e partilha de informação em tempo oportuno (Teixeira, 2016).

5.2.4.4 Chaimite V200

A Chaimite V200 esteve presente nos três primeiros empenhamentos enunciados tendo depois sofrido um processo de retração sendo substituídas pelas Pandur II. Esta viatura, dadas as suas dimensões, mobilidade e guarnição podem ser consideradas mais adequadas para tarefas de patrulhamento, escoltas, operações de cerco e busca e devido ao seu poder de choque, proteção balística e capacidade de transporte de pessoal pode também ser utilizada em CRC.

Importa também referir que “a idade avançada das Chaimites e dos M113, conjugado com a elevada taxa de esforço que lhes é exigida, por força das missões atribuídas, acarreta um maior esforço de manutenção e conseqüentemente um incremento no reabastecimento de sobressalentes, ao qual nem sempre tem sido dado resposta em tempo oportuno, sendo desejável a troca/rotação destas viaturas por outras” (CFT, 2001).

5.2.5 Efetivo e Orgânica

Este fator expressa, em números absolutos, o efetivo que constituiu a FND e a subunidades que fazem parte da composição orgânica da mesma.

Tabela 7 - Efetivo e Orgânica Agrupamento DELTA (11AGO00 – 31MAR01)

Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo	Efetivo Total da Força	Orgânica e Distribuição de Pessoal				
		DOE ³⁴	Comando	Esquadrão de Comando e Serviços	Companhia de Atiradores Mecanizada	Esquadrão de Reconhecimento
11AGO00 – 31MAR01	295			Comando Secção Transmissões Secção Manutenção Secção VCB Secção Sanitária Pelotão de Reabastecimento e Serviços Pelotão de Engenharia	Comando Secção Manutenção Pelotão de Atiradores	Comando Secção de Manutenção Pelotão de Morteiros Médios Pelotão de Reconhecimento

Fonte: Adaptado de CFT (2001).

³⁴ Destacamento de Operações Especiais projetado com o Agrupamento DELTA. No TO passaram a estar na dependência do comando da MNB W.

Tabela 8 - Efetivo e Orgânica 1º BIMec (16MAR06-22SET06)

Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo	Efetivo Total da Força	Orgânica e Distribuição de Pessoal						
		Comando	Módulo de Apoio ³⁵	Secção de Ligação ³⁶	Pelotão de Morteiros Médios	Companhia ALFA	Companhia BRAVO	Companhia CHARLIE
16MAR06 – 22SET06	300					Comando Secção Transmissões Secção Sanitária Secção Manutenção Secção de Engenharia Pelotão de Reabastecimento	Comando Pelotão de Atiradores (3x)	Comando Pelotão de Reconhecimento (3x)

Fonte: Adaptado de CFT (2006).

Tabela 9 - Efetivo e Orgânica 1º BIMec (26SET09 – 23MAR10)

Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo	Efetivo Total da Força	Orgânica e Distribuição de Pessoal						
		Comando	Módulo de Apoio	Secção de Ligação	Pelotão de Morteiros Médios	Companhia ALFA	Companhia BRAVO	Companhia CHARLIE
26SET09 – 23MAR10	290					Comando Secção Transmissões Secção Sanitária Secção Manutenção Secção de Engenharia Pelotão de Reabastecimento	Comando Pelotão de Atiradores (3x)	Comando Pelotão de Reconhecimento (3x)

Fonte: Adaptado de CFT (2010).

³⁵ Constituído por elementos provenientes do CTOE (Centro de Tropas de Operações Especiais).

³⁶ Tem como principal função estabelecer contacto coordenação com escalão superior.

Tabela 10 -Efetivo e Orgânica 1º BIMec (06ABR14 – 04OUT14)

Período do Empenhamento da Unidade no Kosovo	Efetivo Total da Força	Orgânica e Distribuição de Pessoal				
		Comando	Módulo de Apoio	Secção de Ligação	Companhia ALFA	Companhia Manobra
06ABR14 – 04OUT14	182				Comando Módulo Transmissões Módulo Sanitário Módulo de Manutenção Módulo Engenharia Pelotão de Reabastecimento e Serviços	Comando Secção de Reconhecimento Pelotão de atiradores (3x)

Fonte: Adaptado de CFT (2014).

Existem algumas considerações que podem ser extraídas da análise das tabelas acima expostas. Antes de mais, a existência fundamental de uma companhia de comando e serviços que confere sustentabilidade à força, na primeira missão enquanto ECS pelo facto do Agrupamento DELTA ser uma unidade forte em cavalaria, e nas restantes três missões com a designação de Companhia ALFA.

Podemos identificar também um número total de efetivos relativamente inalterável, nos três primeiros períodos abordados, enquanto no último esse efetivo é reduzido para metade pelo facto de a KTM se constituir como uma força multinacional com a integração de forças húngaras e portuguesas. Esta nova estrutura condiciona também o efetivo português que integra a Companhia ALFA, uma vez que esta subunidade passa a ser composta por forças das duas nacionalidades, daí o facto de Portugal projetar forças em módulos e não forças de escalões secção ou pelotão.

É possível observar que o Destacamento de Operações Especiais (DOE) projetado na primeira missão e que responde diretamente ao comando da KFOR é suprimido nas

restantes missões, passando a dar lugar ao Módulo de Apoio sob o controlo do comandante da KTM e que atua essencialmente em ações de proteção da força, reconhecimento e vigilância e proteção de altas entidades.

Relativamente ao Pelotão de Morteiros Médios, na primeira missão encontra-se enquadrado no ERec, no entanto cumpria funções como Pelotão de Reconhecimento uma vez que nunca foi necessário a sua utilização no âmbito do emprego de fogos indiretos (Banazol, 2016).

Na segunda e terceira missões este pelotão deixa de se enquadrar nas companhias de manobra e passa a estar sob o comando do comandante da KTM atuando no entanto como Pelotão de Atiradores, novamente devido ao baixo nível de ameaça (CFT, 2010).

Na última missão abordada este pelotão é suprimido dando lugar na orgânica à Secção de Reconhecimento da Companhia de Manobra projetada.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1 Introdução

Como referido no decorrer do trabalho de investigação, o Teatro de Operações Kosovo fica localizado numa região fustigada, ao longo da história por inúmeros conflitos resultantes da convergência de uma grande diversidade cultural, social e étnica. Com o agravamento destes fenómenos de conflitualidade numa fase pós Guerra Fria, as forças internacionais intervieram por intermédio da KFOR e da UNMIK, com particular atenção para a primeira, na qual integram forças portuguesas até à atualidade, numa primeira fase (1999 a 2001) inseridas na MNB e numa segunda fase (2005 até à atualidade) constituindo a KTM, sendo o 1º BIMec uma das unidades que destacou forças por diversas vezes, ao longo deste período, neste Teatro.

A atuação do 1º BIMec no Kosovo entre os anos de 2000 e 2014 é materializada por quatro empenhamentos, analisados no decorrer do presente trabalho, sendo que o primeiro (compreendido entre 11 de agosto de 2000 e 31 de março de 2001) se enquadra naquele que, no âmbito do presente trabalho considerámos um primeiro período da atuação portuguesa no Kosovo, e os restantes três se enquadram no que, na mesma perspetiva, julgámos um período subsequente (de 2005 até à atualidade).

Face à constante volatilidade e dinâmica do contexto social e étnico no Kosovo, a CI tem efetuado por diversas vezes, reestruturações nas forças destacadas a fim de dar resposta a estas mutações.

Assim as questões derivadas, a seguir explanadas, visam auxiliar na resposta da questão central que nos remete para o objetivo geral do trabalho e que deriva precisamente das considerações feitas acima: Descrever as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014).

O estudo destas alterações é concretizado por intermédio da implementação de um modelo da análise que se debruça e tem em consideração o contexto acima referido, e se sustenta nos seguintes fatores: Missão, Ameaça, Tarefas, Viaturas e Efetivo e Orgânica.

6.2 Resposta às questões derivadas

Questão Derivada 1: Quais as principais alterações relativamente ao emprego de viaturas blindadas do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado entre 2000 e 2014, Teatro de Operações Kosovo?

No decorrer do período retratado foram utilizadas quatro viaturas blindadas distintas sendo elas o M113, a Panhard M11, a Chaimite V200 e a VBR Pandur II 8x8. Com base nos relatórios analisados e nas entrevistas efetuadas é possível concluir que a utilização de M113 na primeira missão analisada, apesar de vantajosa em operações de demonstração de força ou patrulhas, acabou por se revelar pouco proveitosa no sentido em que, tal como a Chaimite, são viaturas com bastante utilização e desgaste e, por isso acarretam um maior esforço de manutenção e de reabastecimento de sobressalentes, ao qual nem sempre foi possível dar resposta oportunamente. No que concerne às Panhard M11, é possível concluir que, sendo a única viatura que se encontra no Kosovo ao longo de todo o período analisada, é uma viatura que se adequa às tarefas que tem vindo a desempenhar no âmbito do reconhecimento, escoltas e patrulhas e pouco adequada para situações de controlo de tumultos, dado as suas dimensões mais ligeiras. Nestas situações, a Pandur II tem-se revelado bastante útil uma vez que se trata de uma viatura mais robusta o que lhe confere grande poder de dissuasão, quer no controlo de tumultos, quer em patrulhas ou montagem de posto de controlo. É a viatura mais moderna das analisadas, equipada com o sistema de georreferenciação que permite a agilização do sistema de comando e controlo e partilha de informação oportuna.

Questão Derivada 2: Quais as principais alterações relativamente à orgânica no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizada entre 2000 e 2014, no Teatro de Operações Kosovo?

Relativamente aos efetivos e orgânica das FND podemos observar algumas alterações. Em primeiro lugar o facto de o efetivo da força se ter mantido na ordem dos 300 militares, uma vez que, se trata da projecção de uma UEB nas primeiras três missões,

sendo que na última missão de 2014 o efetivo é reduzido aproximadamente para metade, dada a integração de forças húngaras na KTM, que esse efetivo integra.

Evidencia-se o facto de o DOE projetado na primeira missão dar lugar, nas restantes missões, ao Módulo de Apoio sob controlo do comandante da KTM, e não da KFOR, o que permite maior flexibilidade perante situações de risco mais elevado.

O Pelotão de Morteiros Médios enquadra-se, no primeiro empenhamento no ERec, na segunda e terceira missões sob o controlo do comandante da KTM, não sendo empregue no último empenhamento analisado. Tratando-se de um pelotão focalizado no apoio de fogos indirectos utilizado com maior frequência em operações de cariz convencional e dado o baixo nível de ameaça, este foi utilizado como pelotão de reconhecimento ou pelotão de atiradores, tendo por isso sido suprimido da orgânica no último empenhamento.

Julgamos relevante salientar ainda, a importância da flexibilidade e capacidade de adaptar a orgânica das unidades que aprontam as forças projetadas, assim como as suas capacidades de sustentação, de forma a fazer face às exigências quer do ambiente operacional que vão encontrar, quer à estrutura e organização das forças multinacionais que vão integrar.

Questão Derivada 3: Quais as principais modificações no âmbito das tarefas levadas a cabo pelo 1º Batalhão de Infantaria Mecanizada entre 2000 e 2014, no Teatro de Operações Kosovo?

Após a identificação das tarefas executadas pelas FND no TO Kosovo, podemos concluir que, dado o médio/baixo nível de ameaça e o facto de, durante a maior parte do período analisado, o conflito se enquadrar no âmbito de missões de manutenção e restabelecimento de paz, com alguns fenómenos da imposição de paz, as tarefas não sofreram alterações significativas, sendo as mais frequentes as Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento, Segurança e Defesa de Pontos Sensíveis, Controlo de Itinerários e de Acessos, Patrulhas, Montagem de Postos de Controlo e Escoltas.

Ainda assim, podemos destacar tarefas desenvolvidas no primeiro empenhamento típicas de imposição de paz, às quais, segundo os relatórios analisados, é dado menor ênfase nos restantes empenhamentos como as Operações de Cerco e Busca ou a Segurança e Ações de Desminagem.

Foi possível também identificar o facto de as atividades CIMIC estarem presentes em todos os empenhamentos, podendo-se constatar que, apesar de não serem tarefas fundamentais, estas contribuem também para a proteção da força e garantem a manutenção da imagem de imparcialidade e equilíbrio da mesma.

No âmbito do treino orientado, numa primeira fase, este incide em tarefas inseridas num contexto da imposição de paz, como é o caso das Reações a emboscadas, ou a Coordenação de apoio de fogos, sendo que o treino de CRC se encontra numa fase de desenvolvimento embrionária.

No segundo período de intervenção das forças portuguesas no Kosovo, a área de CRC assumiu um carácter preponderante no treino orientado da força e na sua preparação para conter situações de manifestações violentas ou bloqueios de acessos, com as quais se poderia vir a deparar no TO. No entanto pode-se concluir com base nos depoimentos recolhidos nas entrevistas que, apesar da evolução evidenciada, continuam a verificar-se lacunas na formação e preparação do CRC uma vez que é colocado maior enfoque em operações de segurança de controlo de tumultos e não em operações militares de controlo de tumultos.

O facto de, na preparação das FND constarem (como foi possível constatar nas entrevistas), na maioria dos casos, treino de alta intensidade (com exercícios no âmbito das Operações Ofensivas e Defensivas) e posteriormente treino orientado para a missão no raio de ação das Operações de Estabilização, permitiu uma preparação mais abrangente, coerente e credível das forças.

Questão Derivada 4: Que transformações se evidenciaram ao nível de paradigma e da ameaça entre 2000 e 2014, no teatro Kosovo?

Com base nos relatórios e diretivas analisados, identificamos um nível de ameaça médio a baixo, durante o período compreendido entre 2000 e 2014, no Kosovo. Essa ameaça caracteriza-se essencialmente, por fenómenos violentos e atividades ilícitas associados ao crime organizado e por manifestações de violência entre grupos étnicos. Outro fenómeno em que se tem registado um crescimento, com particular incidência na missão de 2014, é o recrutamento para grupos extremistas islâmicos e que se deve ao facto de, a ainda frágil economia do Kosovo não proporcionar um leque abrangente de formas de

subsistência, bem como à escassez de fontes de rendimento da população, o que leva, principalmente os mais jovens, a procurar alternativas deste cariz.

Por isso é possível circunscrever as causas das ameaças presentes, na atualidade, no Kosovo, a três grandes áreas nomeadamente: nos conflitos inter-étnicos capazes de mobilizar massas e provocar distúrbios civis, no extremismo islâmico e atividade de recrutamento para grupos terroristas (*Extremists claiming affiliation with islam – ECAI*) e no insuficiente desenvolvimento económico, com repercussões na estabilidade social.

Releve-se o facto de, perante as atividades de recrutamento para grupos islâmicos enunciadas anteriormente, ser extremamente importante a articulação por parte do comando da FND com os serviços de informação de forma a recolher informações nesse sentido para que seja possível prever e conter possíveis pontos focos onde essas ações possam ocorrer.

6.3 Resposta à Questão Central

Com base na análise de dados efetuada no decorrer do trabalho e nas respostas às questões derivadas, julgamos possível responder à questão central do trabalho: *Quais as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014)?*

Assim, as alterações identificadas ao nível do emprego do 1º BIMec para fazer face à tipologia Kosovo no decorrer do período compreendido entre os anos de 2000 e 2014, materializam-se, tendo em conta o modelo de análise utilizado, em 4 fatores, sendo eles: a missão, as tarefas, as viaturas e o efetivo e orgânica. Consideramos que o ambiente operacional, mais concretamente o fator ameaças presentes no TO, bem como a complexidade e diversidade cultural, étnica e religiosa evidentes nesta região no período descrito, acabam por influenciar significativamente as alterações referidas quanto ao emprego das FND, particularmente as forças projetadas no 1º BIMec. No primeiro período analisado (2000 a 2001), ao qual corresponde o empenhamento do Agrupamento DELTA no ano de 2000, concluímos que, estando o conflito numa fase inicial caracterizada pela imposição de paz, e dada a existência de maior instabilidade política e social na altura, as viaturas empregues, as tarefas e o treino orientado realizados, incidiram em meios e operações típicas destas Missões de Apoio à Paz. No segundo período analisado (2005 a 2014), evidencia-se a aposta no CRC, assim como a mais recente renovação de meios,

como por exemplo o empenhamento das novas viaturas blindadas (Pandur II). Ressalva-se também a supressão do Pelotão de Morteiros Médios no empenhamento relativo a 2014, dado o baixo nível de ameaça no TO e por isso a sua substituição por uma secção de Reconhecimento. Com o evoluir do contexto conflitual para uma situação mais estável e apesar de alguns períodos marcados por eventos mais violentos, a própria estrutura e organização da KFOR foi sofrendo alterações de forma a adaptar-se gradualmente a esta realidade o que afetou direta e indiretamente as FND portuguesas. Estas alterações são evidentes nas quatro missões analisadas referentes aos quatro empenhamentos abordados, quando identificamos a integração da FND na MNB W na primeira missão e num outro contexto, a integração na KTM nas missões relativas aos empenhamentos nos anos de 2006, 2009 e 2014. Identificamos também, na missão deste último ano o facto de contingente português integrar a KTM com uma força multinacional.

Parece ainda importante salientar que, embora consideremos significativas as alterações efetuadas ao longo do período analisado, no âmbito do CRC, subsistem algumas questões relativamente ao emprego de uma força militar em situações de controlo de tumultos civis, considerando o carácter extremamente imprevisível que lhes é inerente, agravado pelo facto de células terroristas poderem aproveitar estas ocorrências para fazer eclodir as suas ações violentas, como acontece noutros teatros. Neste caso, parece poder colocar-se as questões: a força militar deve ou não intervir? Se não, deverão ser integradas forças de segurança na FND, com capacidade e preparação para fazer face a essas situações? Ou, por outro lado, se a força militar intervir, não deverá o treino, assim como os meios (utilização de meios não letais) colocados ao seu dispor serem reestruturados e adaptados a estas situações em que o uso da força é claramente limitado?

Embora sendo este um Estudo de Caso, julgamos ainda assim, ser possível reconhecer a partir do mesmo, o esforço acima de tudo logístico e financeiro que o Exército Português e Portugal têm levado a cabo no sentido de manter contingentes a desempenhar as funções que lhe são incumbidas em teatros de operações como o Kosovo, com elevados níveis de eficácia, prontidão e credibilidade, reconhecidos internacionalmente, bem como o acompanhamento e capacidade de adaptações constantes aos contextos cada vez mais voláteis, complexos e exigentes inerentes às Missões de Apoio à Paz. Assemelha-se-nos por isso ser possível dizer que, apesar das limitações e restrições orçamentais conhecidas, Portugal e o Exército Português têm cumprido com

rigor as tarefas que lhe são incumbidas e que, a manutenção de forças em TO no exterior do país, é fundamental para a conservação da confiança e credibilidade demonstradas pelas forças portuguesas e reconhecidas internacionalmente, neste âmbito das Missões de Apoio à Paz.

6.4 Dificuldades/Limitações

No decorrer da investigação, as principais dificuldades encontradas relacionaram-se, essencialmente, com o facto de esta requerer a utilização de documentos com acesso restrito, com a classificação de reservado e ainda com a impossibilidade de aceder à *intranet* do Exército Português, para pesquisa de documentos específicos.

Relativamente às reflexões resultantes da análise de dados salienta-se o facto de as forças portuguesas, na primeira missão abordada, não terem sido empenhadas de forma determinante na resolução de nenhum incidente com maior grau de risco para a força, não permitindo assim retirar conclusões relativamente à sua eficácia para lidar com este tipo de situações.

6.4 Recomendações

Na sequência do presente trabalho, propõe-se uma investigação futura sobre o atual contexto conflitual do Kosovo que permita dado o que nos parece ser um baixo nível de ameaça, concretizar uma eventual e academicamente sustentada reestruturação da KFOR, para lhe fazer face.

Num âmbito mais abrangente, propõe-se a efetivação de uma investigação, que possibilite identificar e sistematizar as principais ameaças que surgem com mais frequência em TO inseridos nas Missões de Apoio à Paz que, não sendo identificadas no TO Kosovo, como a ameaça *Improvised Explosive Devices* (IED), têm uma presença marcante em TO como o Afeganistão, e perceber se os atuais meios do Exército Português estarão preparados lidar com esta realidade.

Neste sentido, tendo em conta a ocorrência cada vez mais frequente, de conflitos em que são empregues meios e forças de carácter convencional, como é o caso dos conflitos nas regiões da Crimeia ou Síria e a emergência de grupos organizados como o Autoproclamado Estado Islâmico e que se distanciam das Missões de Apoio à Paz onde a

ameaça é média ou baixa, assemelha-se-nos ser razoável a questão: estarão Portugal e o Exército Português preparados para intervir em cenários em que a ameaça conhece um nível mais elevado, com o emprego de meios mais robustos?

BIBLIOGRAFIA

- 1BIMec. (2012). *Da Fundação do BIMec ao 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado: O Futuro de Nós Dirá*.
- Astapchuk, A. (2 de Fevereiro de 2015). *Kosovo Independence as an International Issue*. Moscovo.
- Balkan Inside. (s.d.). *BalkanInside*. Obtido em 03 de Maio de 2016, de www.balkaninside.com: <http://www.balkaninside.com/us-government-against-executive-powers-of-the-association-of-serb-municipalities-in-kosovo/>
- Banazol, J. (19 de Maio de 2016). Entrevista Comandante Agrupamento DELTA (2000). (J. E. Santos, Entrevistador)
- Branco, C. M. (2004). *A ONU e o processo da Resolução de Conflitos: Potencialidades e Limitações*. Lisboa: Revista Relações Internacionais.
- Bühler, E. (2011). COM KFOR Perspective. Crhonicle. Pristina, Kosovo: HQ KFOR.
- Carta das Nações Unidas e Estatuto do Tribunal Internacional de Justiça. (1945). São Francisco.
- Carvalho, J. E. (2002). *Metodologia do Trabalho Científico - "Saber- Fazer" da investigação para dissertações e teses*. Lisboa: Escolar Editora.
- Cavaleiro, T. A. (2005). *O Exército Português nos Caminhos da Paz*. Lisboa: Secção de Cooperação Militar e Alianças do Gabinete do General Chefe do Estado-Maior do Exército.
- CFT. (07 de Abril de 2001). Relatório de Missão do AGR DELTA/BMI/KFOR. KLINA.
- CFT. (2006). Relatório de Fim de Missão.
- CFT. (2009). Diretiva de Aprontamento.
- CFT. (2010). Relatório de Fim de Missão.
- CFT. (2014). Relatório Final de Missão.
- CID. (Agosto de 2007). Planeamento Tático e Tomada de Decisão.

- Commission of the European Communities. (2009). *Kosovo Under UNSCR 1244/99 2009 Progres Report*. Bruxelas.
- Correia, L. A. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal.
- DMT. (2008). Auto Blindado VBR Pandur II 8x8 Transporte Pessoal C/ Reparo P/MP Broening 12,7mm - Versão ICV 12,7.
- EMGFA. (s.d.). *Estado Maior General das Forças Armadas*. Obtido em 03 de Maio de 2016, de www.emgfa.pt: <http://www.emgfa.pt/pt/operacoes/missoes/fnd-kosovo/kforportuga/>
- Estado Maior do Exército. (2009). *Brigada Mecanizada - 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado*.
- European Commission. (2015). *Joint Report to the European Parliament and the Council*. Bruxelas.
- European Commission. (2015). *Kosovo 2015 Report*. Bruxelas.
- Exército Português. (2010). *Brigada Mecanizada Feitos Farão Dignos de Memória*. Obtido em 09 de Maio de 2016, de www.exercito.pt: <http://www.exercito.pt/sites/BrigMec/Paginas/Organizacao.aspx>
- Exército Português. (2010). *Brigada Mecanizada Feitos Farão tão Dignos de Memória*. Obtido em 05 de Maio de 2016, de www.exercito.pt: <http://www.exercito.pt/sites/BrigMec/Historial/Paginas/default.aspx>
- Exército Português. (Abril de 2012). *PDE 3-00 Operações*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Freire, M. (Agosto de 2001). Técnicas e Procedimentos no Kosovo. *Jornal do Exército*, pp. 18-34.
- Freixo, M. J. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Group, T. W. (2015). <http://data.worldbank.org/indicator>. Obtido em 29 de Abril de 2016, de [The World Bank: http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL/countries/XK?display=graph](http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL/countries/XK?display=graph)
- IESM. (2002). *Regulamento Geral da Instrução do Exército*.

- IESM. (2014). *Orientações Metodológicas para Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa.
- IESM. (2016). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Fronteira do Caos Editores.
- Isadore Newman, C. R. (1998). *Qualitative - quantitative Research Methodology: Exploring the Interactive Continuum*. Southern Illinois University Press.
- KTM . (2014). OPLAN 01: Paradigm Shift.
- NATO Standardization Agency . (2012). STANAG 4569 (EDITION 2) - Protection Levels for Occupants of Armoured Vehicles. Bruxelas: NSA.
- Oliveira, A. J. (2011). *Resolução de Conflitos O papel do instrumento militar no atual contexto estratégico O exemplo Kosovo*. Lisboa: Esfera do Caos.
- Pew Research Center. (2010). *Pew - Templeton Global Religious Futures Project*. Obtido em 03 de Maio de 2016, de www.globalreligiousfutures.org: http://www.globalreligiousfutures.org/countries/kosovo/religious_demography#/?affiliations_religion_id=0&affiliations_year=2010
- Quivy, R. e. (2005). *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais* . Lisboa: Grávida Publicações, Lda.
- Rego, A. d. (1963). *Lições de Metodologia e Crítica Históricas*. Lisboa: Centro de Estudos Políticos e Sociais.
- RET/DSM. (1967). Auto Blindado P/Met M2HB 12,7mm TP10 Chaimite D 4x4 M/67-87 V-200.
- RET/DSM. (1976). Ficha de Material Auto Blindado Lagartas TP 12 M113 A1/2 M/76 a 90.
- RET/DSM. (1989). Ficha de Material - Auto Blindado Ligeiro Combate Panhard Ultrav M11 D 4x4 M/89-91.
- Santos, I. d. (2000). *Escola Básica Integrada: A dualidade em questão*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusitana Editora.

- Security Council. (2001). *Report of the Secretary-General on the United Nations*.
Bruxelas.
- Security Council. (2006). *Report of the Secretary - General on the United Nations -
Interim Administration Mission in Kosovo*.
- Security Council. (2010). *Report of the Secretary-General on the United Nations - Interim
Administration Mission in Kosovo*.
- Sousa, H. d. (1985). *Armamento e Tiro de Carros de Combate - Carros de Combate e
Viaturas Blindadas de Combate*. Serviços Gráficos da Academia Militar.
- Teixeira, B. (18 de Maio de 2016). Entrevista Comandante 1º BIMec (2014). (J. E. Santos,
Entrevistador)
- Telo, A. J. (2016). Um Mundo em Transformação. A Decadência da Europa. In T. F. João
V. Borges, *Ameaças e Riscos Transnacionais no no Mundo Global* (p. 19). Porto:
Fronteira do Caos Editores.
- Viana, V. M. (2002). *Segurança Coletiva: A ONU e as Operações de Apoio à Paz*. Lisboa:
Edição Cosmos e Instituto de Defesa Nacional.
- Vilelas, J. (2009). *O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Guião de Entrevista



ACADEMIA MILITAR

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

“A participação de Portugal no Teatro Kosovo – o caso do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado”

GUIÃO DE ENTREVISTA

A presente entrevista é um instrumento válido de apoio à análise científica que se enquadra no Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), que é parte integrante do mestrado em Ciências Militares do curso de Infantaria, da Academia Militar. Tem como tema “Evolução da Arma de Infantaria, no contexto do Exército Português desde o período Pós-Guerra Fria até à atualidade”, cujo título é “ A participação de Portugal no Teatro Kosovo – o caso do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado” tem como objetivo geral de estudo, **descrever as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014).**

Neste trabalho é pretendido por isso efetuar um estudo de caso retratado no objetivo geral supracitado. Dada a sua experiência sobre a temática, a sua participação voluntária nesta entrevista, representará uma ajuda fundamental e uma mais-valia para a elaboração deste trabalho.

Antes de começar a entrevista gostaria de saber se tem alguma dúvida acerca do trabalho e sobre a entrevista?

Nome:

Cargo / Posto:

Função:

Unidade/local:

Distrito:

Data:

Antes de prosseguir a entrevista gostaria de perguntar se levanta alguma objeção relativamente à gravação da mesma?

No desenvolvimento deste Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), pretende-se descrever as alterações ao nível do emprego do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, para fazer face à tipologia Kosovo do período pós Guerra Fria (2000-2014). A finalidade deste TIA é efetuar um estudo de caso retratado no objetivo geral tendo em conta a evolução do paradigma inerente ao teatro de operações referido e a atuação desta mesma unidade.

A entrevista que se segue é dividida em quatro fases, cada uma das quais tem por base um objetivo específico:

1. Conhecer o enquadramento organizacional da unidade na Kosovo Force (KFOR).
2. Conhecer as tarefas cumpridas pela unidade neste teatro de operações.
3. Conhecer as capacidades e limitações ao nível de viaturas e equipamento.
4. Conhecer o ambiente operacional no Teatro de Operações.

Fase 1 – Conhecer o enquadramento organizacional da unidade na Kosovo Force (KFOR).

1. Qual a missão da força inserida na KFOR?

2. Considera a orgânica da força adequada face à sua missão na KFOR?

Fase 2 – Conhecer as tarefas cumpridas pela unidade neste teatro de operações.

3. Quais foram as tarefas decorrentes das missões táticas, realizadas no decorrer da missão?
4. Considera a preparação do pessoal adequada face às tarefas desempenhadas?

Fase 3 – Conhecer as capacidades e limitações ao nível de viaturas e equipamento.

5. Quais as viaturas blindadas utilizadas nesta missão?
6. Na sua opinião, as viaturas e equipamentos eram adequados face às tarefas realizadas?

Fase 4 – Conhecer o ambiente operacional no Teatro de Operações.

7. Quais as principais ameaças no teatro de operações Kosovo, no período por si presenciado? Registou-se alguma ocorrência de relevo? Se sim, a força estava preparada para lhe fazer face?

Muito obrigado pela sua colaboração

**José Eduardo dos Santos
Aspirante de Infantaria
Lisboa, Maio de 2016**

APÊNDICE B – Entrevista ao Comandante do Agrupamento DELTA (11AGO00 – 31MAR01)

Nome: José António Madeira de Ataíde Banazol

Cargo / Posto: Coronel

Função: Secretário-Geral da Comissão Portuguesa de História Militar (CPHM)

Unidade/local: CPHM

Distrito: Lisboa

Data: 19 de Maio de 2016

1. Qual a missão do Agrupamento DELTA inserido na KFOR?

Entre Ago200 e Mai2001 o Agrupamento DELTA esteve "em sector" e tinha a seguinte missão:

«O Agr DELTA assume a responsabilidade do sector atribuído a partir de 11Ago00, para manter um ambiente de segurança, monitorizar e impor o cumprimento dos acordos ratificados (MTA e Undertaking) e garantir a liberdade de movimentos; controla as vilas de KLINA e ZLOCUKANE; estabelece e mantém a segurança e medidas de prevenção contra ataques de morteiro ao Mosteiro de BUDISAVCI ou outros locais de carácter religioso, cultural ou político da AOR; apoia e presta assistência à UNMIK, nas suas atividades, de acordo com os meios e capacidades disponíveis, com prioridade para o estabelecimento da lei e ordem públicas, melhoria das condições de vida e processo de transformação do UÇK; à ordem participa na condução de INFOOPS e atividades de apoio, de acordo com as diretivas superiores; estabelece ligação com as autoridades locais, OI e ONG existentes no sector; coopera com as OI e ONG que operam no seu sector.»

2. Considera a orgânica do Agrupamento DELTA adequada face à sua missão na KFOR?

Teria sido desejável que a CAAtMec tivesse um 3º Pelotão.

O PelMort/ERec, nunca tendo funcionado como tal, estava

preparado/instruído/treinado para atuar como tal. No dia-a-dia “funcionou” como um PelRec.

Uma das principais lacunas detetadas era a de que o Agrupamento era dependente do apoio estrangeiro (italiano) na área EOD (sapadores/minas/engenhos explosivos e afins). Relativamente a unidades em particular, tenho ideia de que os meios de engenharia eram limitados mas que cumpriam as suas missões que visavam essencialmente com a melhoria do aquartelamento e colaboração na melhoria de algumas infraestruturas locais.

1. Quais foram as tarefas decorrentes das missões táticas, realizadas no decorrer da missão?

Essencialmente desenvolveu aquelas elencadas na missão que especifiquei anteriormente. Para além disso e com maior relevo, destaco as tarefas na área CIMIC. Também relevante o facto de algumas ações terem sido de carácter combinado com forças espanholas e italianas. Salvo erro, por duas ocasiões, forças do Agrupamento foram empregues fora da sua AOR: reforço da Brigada Multinacional-Norte, em operações na região/cidade de Mitrovica e uma operação de demonstração de força no sector da Brigada Multinacional-Este.

Acresce, ainda, por ser particular as ações desenvolvidas nos meses de Outubro e Novembro de 2000 nos quais levámos a cabo a Operação ESCOLHA – processo eleitoral onde foram desempenhadas tarefas com o objetivo de auxiliar as autoridades competentes na monitorização do processo eleitoral. Neste período o Agrupamento foi reforçado com uma Companhia de Infantaria Mecanizada italiana (Bersaglieri).

3. Considera adequada a preparação do pessoal face às tarefas desempenhadas?

O agrupamento foi sujeito a um período inicial de aprontamento antes de ser empenhado no teatro sendo que, a maioria das fases decorreu em Santa Margarida (RC4). Contudo, foram, feitos vários estágios específicos em outras UEO. O Oficial CIMIC frequentou um curso específico desta área na escolha do SHAPE em Oberammergau (GE). As subunidades de manobra realizaram um estágio de combate

em áreas urbanizadas na EPI.

Considero a preparação adequada face às missões táticas que viriam a ser desempenhadas, no entanto não posso deixar de salientar que na área do Controlo de Tumultos existiram algumas lacunas pois o treino orientado nesta área não era ainda o mais adequado dado estarmos ainda numa fase embrionária no que à exploração do CRC diz respeito e uma vez que ainda não tinham ocorrido acontecimentos de relevo, nesta altura no Kosovo. Há data, o Agrupamento não dispunha de material específico e adequado para estas missões. Quanto a instrução específica, tivemos uma com pessoal da GNR que nos deu umas luzes sobre como atuar nestas situações. Adaptámos na frente das viaturas “bobines/sarilhos” de arame farpado que impedisse/limitasse que quaisquer hostis pudessem subir nas mesmas.

4. Quais as viaturas blindadas utilizadas nesta missão?

M113 na Companhia de Atirados, Panhard M11 e Chaimites no Esquadrão de Reconhecimento.

5. Na sua opinião, as viaturas e equipamentos eram adequados face às tarefas realizadas?

Por definição os meios são sempre escassos. Ou seja, se tiver mais, melhor! Contudo, considero que no final da missão (somatório do inicial com o que foi afluindo ao Teatro ao longo dos tempos) os meios eram adequados para a missão tendo em consideração a dimensão da AOR, as tarefas desempenhadas e as ameaças. A heterogeneidade do “parque” conferia flexibilidade e adequação dos meios à missão/tarefa.

Igualmente, era insuficiente a capacidade de manobra de cargas pesadas (contentores) uma vez que, apenas se dispunha de “Recovery” M816. Esta limitação tornou-se bem patente na fase da retração e houve que solicitar o apoio de meios específicos (maior capacidade) à Brigada (meios italianos).

No que aos M113 diz respeito, estes por um lado assumiam alguma importância na medida em que permitiam quando necessário executar missões relacionadas com a demonstração de força à população, por outro lado para desempenhar outras tarefas no

âmbito de reconhecimento, patrulhas e outras, considero que eram meios demasiado “pesados” para a realização das mesmas. Eram também meios que, devido aos elevados níveis de consumo e elevados custos de manutenção tornavam-se de alguma forma dispendiosos.

6. Quais as principais ameaças identificadas no teatro de operações Kosovo, no período por si presenciado? Registou-se alguma ocorrência de relevo? Se sim, a força estava preparada para lhe fazer face?

Não considero que o Agrupamento tenha sofrido ameaças, no sentido usual do termo. Não fomos alvo de qualquer ação armada (flagelações). Contudo, existiam ameaças à tranquilidade e boa convivência entre as diversas comunidades (ambiente geral de segurança), à liberdade de movimento e ao cumprimento dos acordos estabelecidos (armamento não autorizado...) materializadas essencialmente pelos grupos associados ao crime organizado, ou por pequenos fenómenos de criminalidade que ocorriam de forma isolada no nosso setor. Era contra estas ameaças que o Agrupamento desenvolvia a sua ação.

APÊNDICE C – Entrevista ao Comandante do 1ºBIMec (06ABR14 – 04OUT14)

Nome: Pedro Brito Teixeira

Cargo / Posto: Tenente Coronel

Função: Chefe Rep Doutrina e Treino Operacional /CFT

Unidade/local: CFT

Distrito: Lisboa

Data: 18 de Maio de 2016

2. Qual a missão do 1º BIMec, como KTM , inserida na KFOR?

O plano de operações (OPLAN) do 1 BIMec/KTM designado de **PARADIGM SHIFT**, determina a missão seguinte: “KTM, on order, will be deployed into Kosovo wide with special focus into MNBG East AOR, to fulfill all the infantry specific tasks including ISR and CRC, in order to deter and prevent any threat against SASE (Safe and Secure Environment) and FOM (Freed of Movement). Portugal as KTM lead nation, ensure a thoroughly management of Camp Slim lines in order to support KTM mission accomplishment.

Conforme prescreve a doutrina, para a missão são exaradas as tarefas essenciais. Das missões táticas de infantaria, relevam-se as de ISR (Intelligence Surveillance and Reconnaissance) e, em aditamento as de CRC (Crowd Riot Control); para além das missões táticas, é decisivo assegurar que o Camp Slim Lines funciona em prol da sustentação da força portuguesa, e que se cumprem as condições contratadas com a Hungria, no âmbito da sua permanência na base.

O OPLAN **PARADIGM SHIFT** é elaborado pela força – 1º BIMec - antes de chegar ao Teatro de Operações e materializa o conceito do comandante para no Kosovo fazer face à missão e consequente empenhamento da Força, durante os 06 meses de missão no Kosovo,

3. Considera a orgânica do 1º BIMec adequada face à sua missão na KFOR?

Saliente-se os 20 anos de experiência do Exército Português em missões de Resposta à Crises (desde 1996 até 2016). Este Capital de Conhecimento do Exército permite-nos hoje compreender a natureza e especificidades das operações de estabilização, e os fatores de sucesso. Assim, considero que a natureza, estrutura e organização da força são as adequadas para o cumprimento da missão.

Enfatizo a Vantagem Competitiva da Força, pelo posicionamento operacional e estratégico que a caracteriza: Do Operacional, porque é a Reserva Tática (KTM) do Comandante da KFOR - normalmente de nacionalidade Italiana ou Alemã – que detém o comando sobre 5000 militares de cerca de 20 nações; Do Estratégico, dado a Força se encontrar com competências acrescidas, para comandar, sob Controlo Operacional, durante 06 meses, 200 militares Húngaros, podendo este número aumentar – o que se verifica com muita frequência – com a necessidade de receber módulos de força complementares, de outros países, para realizar treino operacional e, ou, para a cumprimento de missões.

A intensidade, o ritmo das operações, a multinacionalidade sempre presente, a exigência da ação de comando, desafiada pela pressão constante, exige bastante de todos, e particularmente, da ação de comando.

Como detalhe, destaco o facto de a força ter recebido um reforço de três militares que se revelaram de extrema importância assegurando uma maior flexibilidade no emprego dos meios e sistemas existentes: Refira-se o caso do módulo de operações especiais e do apoio sanitário, que com o reforço de apenas um elemento, em cada uma delas, permitiu a constituição de duas equipas e três equipas, respetivamente, incrementando a fluidez operacional e conseqüente melhor gestão do risco, no emprego e apoio da força.

4. Quais foram as tarefas decorrentes das missões táticas, realizadas no decorrer da missão?

Existem duas grandes missões táticas que a força tem de estar preparada para desempenhar, Operações de Reconhecimento, Informações e Vigilância (ISR), associada à Defesa de Pontos Sensíveis, e Controlo de Tumultos em Combate (CRC).

As missões táticas são priorizadas pelo Comandante e nelas são identificadas as tarefas essenciais para o cumprimento da missão, articulando-se cada uma delas em tarefas de treino coletivas e de treino individual. O desenvolvimento desta listagem, a sua sincronização com o tempo, escalões, sistemas a validar e certificar, materializa o planeamento do treino operacional da Força.

A Doutrina e o conceito de treino operacional do Exército consideram que o esforço deve ser exercido para que a prontidão da Força viabilize a execução de operações de Alta Intensidade, para poder cumprir as de Baixa Intensidade; o contrário não é verdade.

Antes de iniciar a missão, a força trabalhou um ano em alta intensidade no âmbito das Operações Ofensivas e Defensivas, e numa fase posterior as Operações de Estabilização, no decorrer dos seis meses de aprontamento que antecederam o período de empenhamento no Kosovo. Este período de treino operacional permitiu a validação e certificação da força quer em treino de alta intensidade, quer em treino focado no contexto da missão no Kosovo. Releva-se que este intenso ano e meio de trabalho, permitiu desenvolver e sustentar, de forma coerente e credível, o conceito de Fluidez Operacional expresso no Conceito do Comandante para o Comando do 1º BIMEc (i.e., Discurso de tomada de posse, Setembro de 2012), e que assenta em dois pilares essenciais: Valores e Princípios: Dos Valores, referimo-nos à Confiança e Lealdade, Competência técnica e tática e, Espírito de Sacrifício; Dos Princípios focamo-nos nos aspetos da Projeção da força, da Adaptabilidade ao ambiente operacional, da Versatilidade para no mesmo espaço e local executar diferentes tipologias de missões táticas.

Foi o processo percorrido que permitiu de forma coerente e credível cumprir as missões táticas no âmbito do ISR, CRC, bem como, na área da cooperação civil-militar (CIMIC).

No âmbito CIMIC, visam as ações planeadas e executadas, contribuir para a proteção da força nas áreas onde se admite que possa vir a intervir, apoiar a comunicação estratégica enquanto atores que contribuem para assuntos de defesa e segurança da NATO e da EU, e ainda, garantir a manutenção de uma imagem de equilíbrio e imparcialidade entre as partes em conflito, ou em negociação. Neste âmbito foram desenvolvidas diversas atividades. Uma abrangendo os kosovares tendo como exemplo a promoção e participação num evento de solidariedade para com as necessidades médicas do Kosovo e, por outro lado, as minorias étnicas como foi o caso de uma ação de cariz religioso católico, junto de uma comunidade kosovar de origem croata, situada nos arredores de Pristina.

Refere-se, também, as atividades relacionadas com a promoção da educação cívica, através do debate de assunto de relacionados com o impacto ambiental.

Assim as ações CIMIC, apesar de não se terem constituído como fundamentais para a proteção da força, não deixam de ser importantes para contribuir no desenvolvimento da região, apoiando o desenvolvimento de um ambiente seguro e estável. Estas ações são por isso um complemento da missão.

Dadas as condições de vida precárias que se fazem sentir no Kosovo, existe uma particular atenção para as atividades de recrutamento islâmico. A melhoria das condições de vida, e a circulação de pessoas para a Europa, são medidas essenciais para mitigar, a falta de expectativas da maioria da população, e dessa forma diminuir a adesão de uma população extremamente jovem, a movimentos extremistas islâmicos.

5. Considera adequada a preparação do pessoal face às tarefas desempenhadas?

Como referi na resposta à questão anterior, o conceito de ação de comando, o processo concretizado, e a existência de um ano inteiro dedicado ao treino operacional de alta intensidade, permitiram-nos edificar e obter um nível de prontidão coerente e credível.

O apoio, do Comando do Exército e do Comando da Brigada Mecanizada, foram decisivos e fundamentais para a concretização do conceito de treino operacional expresso, bem como, as propostas realizadas.

Considero, no entanto, que a formação e preparação de Controlo de Tumultos dada no Exército são inadequadas face à realidade experienciada por várias unidades no Kosovo. As forças em território nacional, continuam sem aplicar, em planeamento e conduta, os meios complementares de apoio à manobra, para operações militares de controlo de tumultos. É necessário ter o foco nas operações militares de controlo de tumultos e não operações de segurança de controlo de tumultos.

6. Quais as viaturas blindadas utilizadas nesta missão?

O Batalhão teve a felicidade de trabalhar com as viaturas PANDUR. Durante o seu

emprego em operações foi possível testemunhar o seu elevado poder dissuasão. Estas viaturas serviram também para testar o sistema de comando e controlo e partilha de informação em tempo oportuno, em rede segura, e o sistema de georreferenciação.

Realizámos, através do Comando da Logística e em coordenação com o EMGFA, a retração das viaturas CHAIMITE do Kosovo.

7. Na sua opinião, as viaturas e equipamentos eram adequados face às tarefas realizadas?

Face às missões táticas exigidas, no cumprimento da missão no Kosovo, estas viaturas foram suficientes e adequadas.

8. Quais as principais ameaças identificadas no teatro de operações Kosovo, no período por si presenciado? Registou-se alguma ocorrência de relevo? Se sim, a força estava preparada para lhe fazer face?

Em todos os teatros em que participamos os fatores políticos, económicos, sociais, de infraestruturas, de informações e de cariz religioso têm que ser considerados. Por outro lado, o nosso trabalho enquanto militar obriga-nos a que estejamos habituados a lidar com a incerteza. É preciso também ter a noção de que os ambientes são voláteis, incertos, complexos, ambíguos e maioritariamente urbanos.

A ameaça caracterizou-se, essencialmente, por entidades interessadas em restringir a liberdade de movimento a norte de Mitrovica, através de colocação de bloqueios de estrada, e ainda, pelo crescimento das atividades de recrutamento de extremistas islâmicos.

As fações extremistas dos países islâmicos têm investido no recrutamento nos Balcãs. Em consequência do baixo nível de vida da população, conjugado com o elevado índice de desemprego, e com a mais elevada taxa de juventude entre os países europeus, reconhecem-se com facilidade os bons resultados que o recrutamento para as fações extremistas islâmicas, pode, tem, obtido. A política de vistos, deixa como única alternativa os movimentos para Leste onde se encontram os países islâmicos. Logo, a questão do Contraterrorismo é real. Foram realizadas operações de ISR que contribuíram a realidade descrita.

A Reserva Tática interveio em duas missões:

A Operação SKYFALL no Norte de Mitrovica, que por determinação do Comandante da KFOR e com o decorrer de uma manifestação, a Força foi empenhada para dissuadir as partes para um incremento da violência e para garantir o controlo de acesso a uma das pontes. Em simultâneo, foi assegurada a recolha de informações para o comando da KFOR.

A Operação SCORPION RIDER foi planeada e executada para monitorizar a chegada de elementos sérvios para a celebração do Vidovan, existindo uma elevada probabilidade, dada a natureza das informações disponibilizadas, de estar em a segurança e liberdade de movimentos durante as celebrações; a reserva foi projetada, ocupando áreas de reunião envolventes a Pristina, e através de uma rede de diversos Postos de Controlo monitorizou as atividades associadas as celebrações católicas ortodoxas, realizadas em áreas sensíveis. Para esta Operação a KTM comandou uma força com 7 nações integradas.

A celeridade, eficácia e efeitos do empenhamento da Força, em diversas operações, foram possíveis pelo elevado grau de prontidão da reserva, a qual resultam: 20 anos de participação do exército em operações de estabilização nos Balcãs, e de 15 anos no TO KOSOVO; de um aturado planeamento, treino operacional, e aplicação da doutrina comando-missão do 1º BIMEC; e sempre, pelo Valor do Soldado de Portugal.

ANEXOS

ANEXO A – Fatores de Decisão

A tecnologia, a natureza fluida das operações e o volume de informação aumentam a importância da aptidão do comandante em visualizar e descrever as operações, a fim de traduzir a sua intenção. A perspectiva é necessariamente diferente de escalão para escalão. Depois de receber a missão o comandante considera o espaço de batalha e faz a sua análise a qual resulta da sua visão inicial que modifica ou confirma continuamente. Missão, Inimigo, Terreno e Condições Meteorológicas, Meios, Tempo Disponível e Considerações de Natureza Civil são os fatores de decisão importantes de analisar, face à tipologia das operações modernas.

Missão

O comandante determina a missão através da análise da missão, identificando as tarefas essenciais que conjuntamente com a finalidade da operação, indicam que tipo de operação é necessário empreender. A missão inclui as tarefas que têm de ser cumpridas, quem as cumpre, onde, quando e com que finalidade.

Inimigo

A análise do In inclui as informações disponíveis sobre o seu potencial e composição, localização, atividade recente e capacidades, identificando e avaliando a sua m/a mais provável. Em operações de apoio à paz a análise inclui: adversários, fações potencialmente hostis ou outras ameaças às operações das nossas forças.

Terreno e condições meteorológicas

A análise do terreno e das condições meteorológicas ajudam a identificar e a caracterizar os aspetos militares da AOp/AOO: Observação e campos de tiro, os Cobertos e abrigos, os Obstáculos ao movimento de forças, os Pontos importantes e os Eixos de aproximação (OCOPE). O terreno inclui as alterações resultantes da ação do homem (cidades, aeroportos, pontes, caminhos de ferro, portos, etc.). As condições meteorológicas e o terreno têm efeitos nas operações terrestres, no emprego de munições de precisão, no apoio aéreo e nos apoios de combate e logístico.

Meios

Os comandantes avaliam o treino do pessoal, o seu estado físico e psicológico e as forças amigas, incluindo a disponibilidade de sistemas de armas críticos, o apoio de combate e de serviços disponível e a disponibilidade de meios na área de operações que possa ser utilizado em proveito das forças.

Tempo disponível

Os comandantes avaliam o tempo disponível para planeamento, preparação e execução da missão, considerando como é que as forças amigas e o In ou o adversário utilizarão o tempo e quais os possíveis resultados das suas ações. O uso adequado do tempo pode alterar a situação em favor das nossas forças.

Considerações de natureza civil

As considerações de natureza civil relacionam a população civil, a cultura, a organização, e os líderes com a AOp/AOO. A análise do ambiente deve incluir os locais classificados como culturais em todas as operações que direta ou indiretamente afetem as populações civis, para além dos factos e enquadramento, de natureza, política, económica, religiosa e outros que possam caracterizar o comportamento e atitude da população civil.

Fonte: CID (2007, p4-2 a 4-4)

ANEXO B – Espetro do Conflito

O espectro do conflito é o pano de fundo para as operações conduzidas pelas Forças Terrestres. O espectro do conflito abrange o nível de violência desde a paz estável até à guerra total. Inclui, nos seus níveis intermédios, a paz instável e a subversão.

A escala gradativa de violência no espectro do conflito não implica que a violência passe obrigatoriamente pelos vários níveis.

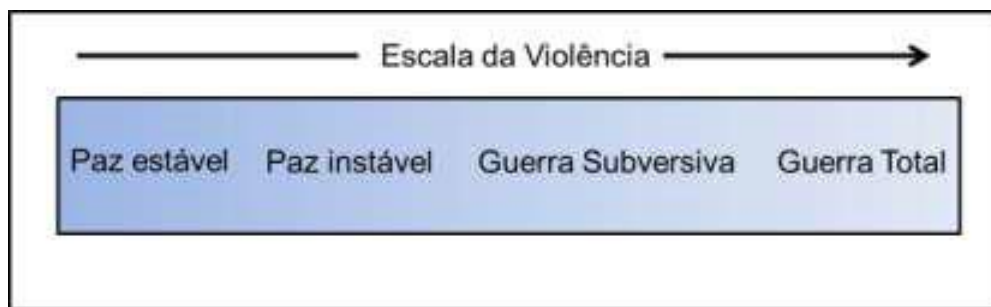


Ilustração 3- Espetro do Conflito

Fonte: Exército Português (2012, p. 2-1).

A **paz estável** é caracterizada pela ausência significativa de violência militar. As atividades dos atores são confinadas às relações políticas, económicas e de outras áreas de interesse. A paz estável pode incluir competição, cooperação e assistência. Embora possam existir fatores de tensão entre os atores, estes reconhecem que os seus interesses são mais facilmente alcançados por meios não violentos.

A **paz instável** é caracterizada pela situação em que as partes empregam, ou ameaçam empregar, a violência para alcançar os seus objetivos e resulta, normalmente, da degeneração da paz estável. Também pode resultar da diminuição da violência de um conflito generalizado. Nestes casos, países terceiros podem intervir para limitar o conflito e evitar que recrudesça.

A **Guerra Subversiva** é caracterizada como uma ação levada a cabo com o objetivo de derrubar pela força um governo ou poder instituído. A motivação é política e resulta em violência não limitada a um território ou país, podendo terminar na eclosão de

um conflito militar clássico. O emprego de forças militares neste tipo de conflito é normalmente orientado para a estabilização de uma região.

A **guerra total, ou guerra generalizada**, é um conflito armado entre dois ou mais estados em que a totalidade dos seus recursos é utilizada e em que a sobrevivência nacional está seriamente ameaçada. A guerra total pode envolver também alianças e/ou coligações. Na guerra total as forças armadas desempenham um papel central ao executarem operações de grande envergadura para submeter as forças do adversário e atingir os seus objetivos.

Embora sejam as operações de combate a dominarem o espetro, podem também incluir operações irregulares.

Fonte: Exército Português (2012, p. 2-1).

ANEXO C – Temas de Campanha

Um tema de campanha descreve o caráter da operação de grande envergadura dominante numa área de operações num dado período de tempo. Por conseguinte, o tema de campanha ajuda a transmitir a todos os comandantes envolvidos a natureza da operação e, ao mesmo tempo, a postura das forças para cumprir a intenção do comandante responsável. O tema de campanha tem implicações na composição e articulação das forças, atribuição de recursos, proteção e atribuição de missões táticas (...).

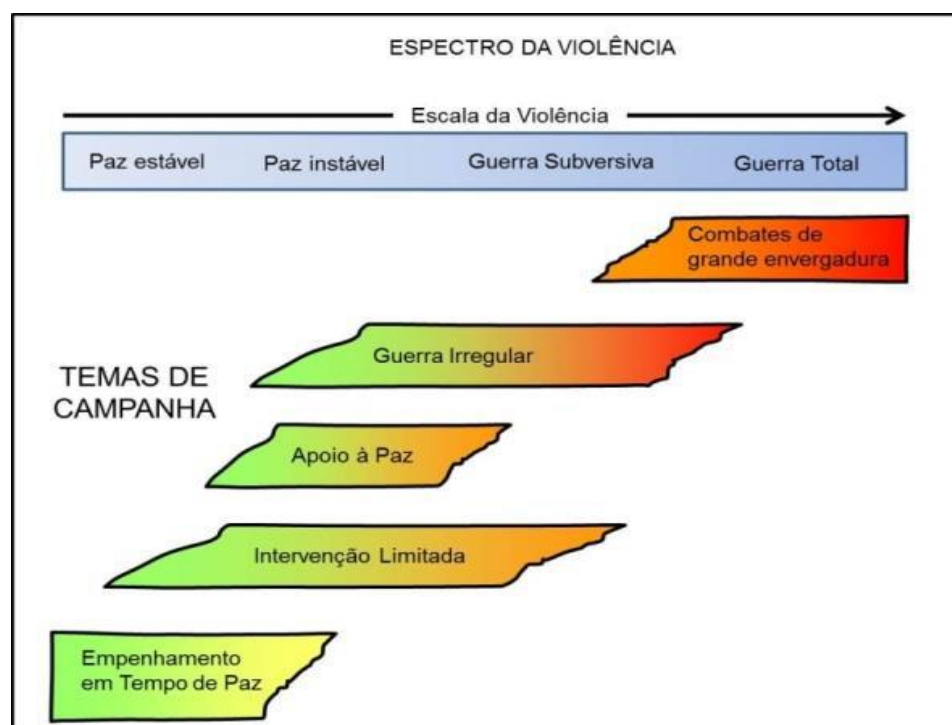


Ilustração 4 - Temas de Campanha no Espetro do Conflito

Fonte: Exército Português (2012, p. 2-3).

Cada tema de campanha, em termos genéricos, corresponde a um intervalo ou faixa do espectro do conflito, como expresso na ilustração 4. São uma ferramenta que o comandante militar pode utilizar para caracterizar as diferentes fases de uma campanha, mas deve ser tido em consideração que a transição entre temas de campanha, tal como entre fases, deve ser alvo de um cuidadoso planeamento e preparação (Exército Português, 2012, pp. 2,3).

ANEXO D – Apoio à Paz

Apoio à Paz

As operações militares de apoio à paz são um termo de utilização comum que engloba as operações de âmbito multinacional, com o apoio ou participação de outras agências, como resposta a crises com o objetivo de conter conflitos, restabelecer e manter a paz, visando a moldagem do ambiente operacional em proveito da reconciliação, reconstrução e a transição para um governo legítimo.

Os tipos de operações de apoio à paz são:

Manutenção da Paz - Estas operações são executadas com o consentimento das partes envolvidas num conflito e são planeadas para monitorizar e facilitar a implementação de acordos (ex: cessar-fogo) e apoiar os esforços diplomáticos para alcançar acordos políticos de longo prazo.

Consolidação da Paz - A consolidação da paz envolve ações de estabilização, predominantemente económicas e diplomáticas, que fortalecem as instituições e o governo a fim de evitar o reacendimento da conflitualidade.

Restabelecimento da Paz - O restabelecimento da paz é o processo diplomático, de mediação, negociação e outras formas de solução pacífica para as disputas em causa com a finalidade de resolver os assuntos que conduziram ao conflito.

Imposição da Paz - A imposição da paz envolve a aplicação da força militar, ou a sua ameaça, normalmente através de mandato internacional, para obrigar ao cumprimento de resoluções ou sanções impostas para manter ou restaurar a paz e a ordem.

Prevenção de Conflitos - A prevenção de conflitos consiste nas ações tomadas antes de uma crise previsível para limitar ou evitar a violência, dissuadir as partes e alcançar um acordo antes do início das hostilidades. Embora a prevenção de conflitos seja uma atividade eminentemente política, pode requerer o emprego de forças militares para conter a escalada das hostilidades” (Exército Português, 2012, pp. 2-7 e 2-8).

ANEXO E – Níveis de Proteção - STANAG 4569

Tabela 11 – Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas

Level	KE-Threat	Reference – Artillery – Threat
6	Weapon: Automatic Cannon, 30 mm Ammunition: APFSDS and AP Distance: 500 m Angle: frontal arc to centreline: $\pm 30^\circ$ sides included; elevation 0°	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 10 m Azimuth 360° Elevation: $0 - 90^\circ$
5	Weapon: Automatic Cannon, 25 mm Ammunition: APDS and APFSDS Distance: 500 m Angle: frontal arc to centreline: $\pm 30^\circ$ sides included; elevation 0°	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 25 m Azimuth 360° Elevation: $0 - 90^\circ$
4	Weapon: Heavy Machine Gun, 14.5 mm Ammunition: AP Distance: 200 m Angle: azimuth 360° ; elevation 0°	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 25 m Azimuth 360° Elevation: $0 - 90^\circ$
3	Weapon: Machine Gun and Sniper rifles, 7.62 mm Ammunition: AP tungsten carbide and AP hard steel core Distance: 30 m Angle: azimuth 360° ; elevation $0-30^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 60 m Azimuth 360° Elevation: $0^\circ - 30^\circ$
2	Weapon: Assault rifles, 7.62 mm Ammunition: AP steel core Distance: 30 m Angle: azimuth 360° ; elevation $0-30^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 80 m Azimuth 360° Elevation: $0^\circ - 22^\circ$
1	Weapon: Assault rifles: 7.62 and 5.56 mm Ammunition: Ball Distance: 30 m Angle: azimuth 360° ; elevation $0-30^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 100 m Azimuth 360° Elevation: $0^\circ - 18^\circ$

Fonte: (NATO Standardization Agency , 2012).

Tabela 12 -Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas para granadas e minas

Level	Grenade and Blast Mine threat		
4	4b	Mine Explosion under belly	10 kg (explosive mass) Blast AT Mine
	4a	Mine Explosion pressure activated under any wheel or track location	
3	3b	Mine Explosion under belly	8 kg (explosive mass) Blast AT Mine
	3a	Mine Explosion pressure activated under any wheel or track location	
2	2b	Mine Explosion under belly	6 kg (explosive mass) Blast AT Mine
	2a	Mine Explosion pressure activated under any wheel or track location	
1	Hand grenades, unexploded artillery fragmenting submunitions, and other small anti personnel explosive devices detonated anywhere under the vehicle		

Fonte: (NATO Standardization Agency , 2012).